

A ESCOLA

REVISTA PEDAGOGICA MENSAL

N. 31

ANNO III

OUTUBRO, 1925

SUMMARIO

A diffusão do ensino primario . *Ignacio do Amaral* . . . 273

NOTAS E COMMENTARIOS

Tests (Os grandes problemas do espirito) *Nelson Roméro* 276
Verdade, sinceridade, franqueza e respeito aos compromissos *Professor José Rangel* . . . 279

VARIEDADES

Aprenda a ler! *Annibal Pinto de Souza*, . . . 282

ENSINO PRIMARIO

Composições *Maria Coutinho do Amorim* 286
Historia *Olympia do Coutto* . . . 290
Arithmetica *Mathilde Cirne Bruno*... 296

LITTERATURA

Vingança de Martello *Balthazar Pereira* 299

INFORMAÇÕES E AVISOS — ATRAVÉZ DAS REVISTAS
BIBLIOGRAPHIA

RIO DE JANEIRO

A ESCOLA



Em todas as escolas norte-americanas, os professores apresentam, como symbolos da hygiene infantil, a escova de dentes e o sabonete.

“COLGATE”

dá-vos o melhor crême dentifricio e os sabonetes mais perfumados e duraveis

1º de Março, 89 *Agentes geraes* Praça da Sé, 34
Rio **Leone & C.** S. Paulo

Use...

S. S. WHITE

*Clarea os dentes
Refresca agradavelmente
a bocca.
Apreciada
até pelos
petizes*



PREPARADA PELA MAIOR FABRICA DE ARTIGOS DENTARIOS do MUNDO

EUGEINA WERNECK

Resultados prodigiosos nos resfriamentos e na gripe.

Allivio immediato nas *neuralgias*, dores de cabeça, dores nas costas e nas cadeiras.

DOSE: 2 comprimidos 3 vezes por dia

Na gripe evita que o doente vá á cama, debellando-a aos primeiros symptomas.



KOLATENO

O maior tonico da fadiga cerebral, da surmenage em geral

E' o *KOLATENO* a melhor preparação de kola fresca, malt e phosphato de sodio

DOSES: 2 a 4 colheres das de chá por dia, puras ou diluidas em meio calix d'agua

PHARMACIA HOMOEOPATHICA

Rua Barão de Mesquita, 875

ANDARAHY

Consultas medicas gratis

Aos alumnos soccorridos pelas caixas escolares, que tiverem sido assistidos por clinicos desta phar-macia, serão fornecidos medica-mentos gratuitos; aos demais alu-mnos das escolas publicas serão fornecidos c/ 20 % de abatimento.

RIGOR NO CALÇAR
PRUDENCIA NA ECONOMIA
OFFERECE



A' ESQUISITA



Rua Gonçalves Dias, 62

Telephone C, 1387 — FABRICA PROPRIA

Ao Professorado em geral concedemos o abatimento de 10% sobre o menor preço

A ESCOLA

AO REI DOS MARES

Importadores de aparelhos para electricidade, agua, gaz, esgotos, folha de flandres, cobre, estanho, bacias e lavatorios de ferro esmaltado e de louça. Fogões, canos de ferro e de chumbo, lustres, lampeões, arandellas e mais artigos concernentes, e das legitimas lampadas «Economicas». Encarregam-se de

instalações electricas.

Instalações sanitarias em estabelecimentos de ensino

MEDEIROS SARTORE & CIA.

Successores de MEDEIROS & BORCES

Rua Marechal Floriano, 23 e Theophilo Ottoni, 142

Telephone Norte 1096
Rio de Janeiro



AS CRIANÇAS DE PEITO

(UJAS MÃES OU AMAS SE TONIFICAM COM O

VINHO BIOGENICO

DE GIFFONI

AUGMENTAM DE PESO E FICAM BELLAS,
ROBUSTAS E DESENVOLVIDAS.

A VENDA NAS BÔAS PHARMACIAS E DROGARIAS
DEPOSITO:
DROGARIA FRANCISCO GIFFONI & C^ª
RUA 1^ª DE MARÇO, 17 - RIO DE JANEIRO.
LIC. D. S. PUBLICA Nº 469 DE 16-9-905 (MARCA REGISTRADA)

PÓ DE ARROZ

LADY

É O MELHOR E NÃO É
— O MAIS CARO —

A' venda em todo o Brasil

PERFUMARIA LOPES

RIO

FARINHA PERY

Preparação especial de mandioca dextrinizada para alimentação das **creanças, convalescentes e pessoas fracas**

Recomendada por médicos notáveis, a «Farinha Pery» está sendo consumida nos principais sanatórios e hospitais do país



DO

Dr. Eduardo França

Cura eficaz de feridas antigas e recentes. DARTHROS, FRIEIRAS, suor, fetido dos pés e da axilla e em injeções cura qualquer Gonorrhéa

Unicos depositarios

Araujo Freitas & Cia.

RUA DOS OURIVES, 88 — RIO

Preço 3\$500

VERMES INTESTINAES?

(OXYUROS)

Expulsão radical

pelos comprimidos insipidos
"Bayer" de

BUTOLAN

Está comprovado a sua tolerancia absoluta e infallibilidade pelos Adultos e Creanças no Brasil e Extranjeiro

Consulte seu medico

A' venda em todas as boas Drogarias e Pharmacias



A ESCOLA

REVISTA PEDAGOGICA MENSAL

REDACTOR :

Ignacio M. Azevedo do Amaral

Redacção e Administração

Rua 7 de Setembro, 51 (1.º andar)

Telephone Norte 7389

GERENTE :

George Sumner

Typ. SANTA HELENA

Rua da Alfandega, 214

Telephone Norte 1298

Assignatura annual, na Capital Federal	9\$000
Assignatura annual, nos Estados	10\$000
Numero avulso	1\$000

ANNO III

Rio de Janeiro, Outubro de 1925

NUM. 31

A diffusão do ensino primario

POR

IGNACIO DO AMARAL

Tratando da criação de um Ministerio Federal de Educação, em artigo publicado no ultimo numero desta revista, a proposito de um questionario formulado pela Associação Brasileira de Educação, assignalei entre as tarefas naturalmente indicadas á esphera de tal ministerio a coordenação das acções da União Federal, dos Estados da Federação e dos municipios em que cada um delles se subdivide, na grande obra da educação dos nossos concidadãos.

Um dos aspectos mais complicados do problema da coordenação das acções, a que me referi, é, certamente o aspecto financeiro.

Acredito, porem, que uma boa formula para resolvê-lo, sob esse aspecto, é a que se encontra no programma apresentado por Alberto Moreira, no notavel discurso que pronunciou, a 17 de Outubro corrente, na Liga da Defesa Nacional, a proposito da diffusão do ensino primario no Brasil.

Depois de suggerir varios alvitres como base para os estudos referentes á diffusão do ensino primario no Brasil, e de indicar a necessidade da criação de um orgão tecnico destinado a superintender a execução do programma de educação nacional, assim conclue Alberto Moreira:

“As despezas com o ensino primario devem ser divididas pela seguinte fórma :

A' União cabe o custeio do departamento central, suas delegações nos Estados, o ensino normal, os patronatos agricolas, escolas de artifices, escolas de aprendizes marinheiros e escolas de artifices militares.

Aos Estados as despezas com o professorado, material didactico e os internatos de que trata o numero 5. (*)

Aos municípios cabe fornecer a casa para a escola, localizar a mesma onde possa ter maior frequencia e fornecer o respectivo mobiliario.

A fiscalisação do ensino se dividirá pelos tres poderes, de maneira a cada um fiscalisar as attribuições dos outros.”

A formula de coordenação das cooperações financeiras da União, do Estado e dos Municipios, proposta por Alberto Moreira, parece-me extraordinariamente feliz.

Acredito mesmo que será difficil encontrar outra tão conveniente.

A divisão racional das competencias, em materia educacional, entre a União, o Estado e o Municipio, deve, com effeito, se definir, attribuindo á União a formação do professor incumbido de assegurar a execução de um programma educativo norteado pela finalidade do espirito de nacionalidade ; ao Estado a manutenção do professorado e o for-

(*) — O numero 5 é o em que é exposto o 5º e ultimo dos alvitres já referidos, pela seguinte forma :

«5º, estabelecer internatos de instrução primaria elementar e profissional, onde possam ser recolhidas as creanças pobres que habitem zonas onde a população seja muito disseminada.»

necimento de todos os recursos didacticos necessarios ; ao Municipio, finalmente, a localisação da escola e a sua manutenção, bem como o fornecimento do respectivo mobiliario.

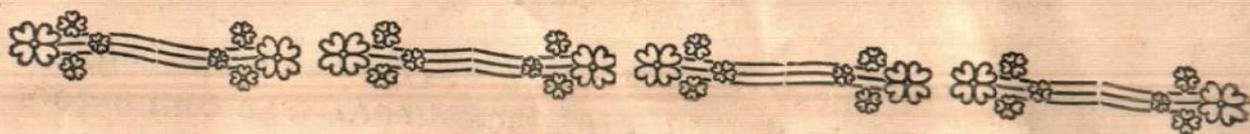
E' certo que nas linhas geraes da formula proposta poderão ser feitas algumas intercalações, taes como as tendentes a definir com maior minucia a parte relativa á União, ao Estado e ao Municipio na tarefa de fiscalisação, dos serviços relativos á educação e ao ensino.

Mas quaesquer que sejam as intercalações que, por ventura, venham a ser julgadas convenientes para uma perfeita tradução da formula proposta num completo mecanismo regulamentar, nunca deverão ellas importar em modificação das idéas capitaes na mesma formula consignada.

N'essas idéas é que acredito estar a verdadeira solução.

E parece-me que, pelo menos neste caso, não estou errado.





NOTAS E COMMENTARIOS

Tests

Os grandes problemas do espirito

POR

NELSON ROMERO

Depois da exposição doutrinaria sobre a consciencia, publicada no ultimo numero da «A Escola», resta-nos, e é trabalho facil, verificar a importancia que, de seu perfeito conhecimento, advêm a todo aquelle que queira applicar-se á sondagem do espirito humano.

Nem é para menos do que isto tão formoso estudo, porque, se, como dissemos, a consciencia enfeixa o psychismo e o explica, por si mesma, é necessario conhecê-la para se haurir noção segura desse psychismo, e quem desejar saber desenvolver a este deve aprender aquella.

Ora o professor se destina precisamente ao desenvolvimento integral do menino no homem acabado, isto é tornado senhor de si proprio, com pleno dominio de suas forças intimas e com seguro principio da orientação na agibilidade pratica da vida.

Ninguém nega que é impossivel educar sem agir na consciencia do alumno, nem todos, comtudo, percebem como e de que maneira conseguirá o educador penetrar *com sciencia propria* na consciencia de seu discipulo, de sorte a acompanhar-lhe com sagacidade e prudencia o desenvolvimento psychico, como quem já adquiriu a faculdade mestra de saber como e para que está completando de verdade e perfazendo, em rigoroso sentido, a educação de seu aprendiz.

A falha provêm de não comprehenderem alguns com visão clara como é que a consciencia do jovem se ha de ir formando no sentido de se tornar esclarecido principio de coordenação e systematisação de todas as suas forças internas.

Não é preciso, neste ligeiro ensaio, examinar pormenorizada-mente toda a expansão de que é de facto capaz esse centro coordenador dos movimentos racionais do educando.

Entendemos aqui por movimentos racionais não apenas os que em acto referem conhecimento. Abraçamos, sob esse nome, o complexo dos actos e factos do psychismo superior, específico do homem, como ser que é capaz de raciocinar e agir racionadamente.

Mais tarde veremos que a intelligencia e a vontade, como faculdades humanas superiores, são ultimamente as forças motrizes propulsoras da acção humana completa e caracteristicamente definida, como propria só do homem.

Agora é preciso contentar-nos apenas com a verificação de que a consciencia abraça todos os actos e factos de todas as potencias vivas do ser racional, enquanto este opera, tendo noção de referencia entre o que é elle e o que delle se distingue.

E' inutil repetir que essa noção é muitas vezes confusa e distinctiva apenas entre o *Eu* e o *Não Eu*.

Inicialmente é sempre confusa nos casos normaes. Ora o trabalho educativo deve partir da posição de que tem por finalidade elevar ao maximo a clara visão desse facto, ou da realidade do homem em relação com as coisas que o cercam.

Se a consciencia é vigia, é guarda, é referendador de tudo que se passa de especificamente humano no homem, e, como tal é a maxima e a mais aproveitavel força de todo o operar do homem, já se vê quanto é importante tornal-a apta a deprehender e utilizar tudo o que é utilisavel das energias deste ser, tornando-se ella esclarecida resultante synergica de tudo que é capaz de levar a criatura, adequada e convenientemente, ao maximo de sua expansão.

Examinando-nos intimamente e observando os nossos semelhantes notamos que a primeira função da consciencia é a que os psychologos modernos chamam a *função do real*, cuja definição já demos nas paginas da «A Escola» lembrando P. Janet.

Ella procura o reconhecimento do sujeito, por si mesmo, com acção efficaz delle sobre sua realidade physica e social, no meio em que opera, com o respectivo sentimento de unidade e de liberdade.

Todos os conhecimentos ou reconhecimentos que vae adquirindo das coisas e de si, com as possiveis relações com que a mente as deprehenda, vae a consciencia procurando applicar á situação em que se encontra, e ao acto que quer o sujeito produzir, sondando todo o alcance que esse acto possa ter, dentro do campo a que se estende sua visão no momento em que se dispõe o individuo a operar.

E' evidente que a cada individuo accode e responde inicialmente em cada momento de operação o modo proprio com que elle reage aos estímulos que o sollicitam á acção.

Mas esses modos propios, essas tendencias peculiares a cada um são passíveis de uma certa ordenação desde que o mesmo individuo se habitue a regular a correspondencia que deve existir entre o exterior e o interior de si, entre o seu *Eu* e o que não é elle.

A funcção do real se desenvolve; torna o individuo capaz de orientar-se para mover-se equilibradamente em qualquer situação que se lhe antolhe; da-lhe poder de verificar o que deve fazer para realisar com acção perfeita, isto é proporcionada e ordenada, o fim que intenta racionalmente; acostuma-o a ter sempre noticia exacta de si, de sua razão, do objecto de seu operar, das circumstancias de sua acção, dos resultados possiveis da mesma, etc.

O indispensavel para se ahi chegar é formar o habito da observação, desenvolvendo maximamente a attenção. Observar attentamente as attitudes pessoaes, sociaes, communs, especiaes, particulares a um individuo, proprias de uma dada condição, etc.

Entra sempre em jogo nesse trabalho a memoria, a ordem logica, depois, propria de cada um e sua imaginação creadora, acostumada a determinadas synteses, elaboram, em maxima parte, o fundamento das conclusões a que chega o sujeito que se está a considerar para agir. Isso tudo é trabalho, ás vezes, rapido.

Por esse complexo, que havemos de analysar partidamente, a vontade activa-se e inflúe alhures sobre o conhecimento, mas o acto voluntario acabado não se perfaz sem que se manifeste o conhecimento da finalidade desse acto ao operador.

O acto só será perfeito verificado o objecto, se conveniente este, se perfectivel, se, quero dizer, aperfeiçoador. Elle é visto como util, agradável, honesto etc.

Nesta inquirição não dormem os instinctos, nem as tendencias espontaneas; os sentimentos pesam muito, tudo emfim move o ser e inflúe maximamente sobre a determinação voluntaria, porque tudo isso influe sobre o reconhecimento que o sujeito operante chega a obter de si mesmo, de accordo com o seu senso moral, senso esthetico e cenesthetico, seus interesses geraes e particulares.

Tudo ha de fornecer-nos preciosos momentos de analyse nas proximas considerações, para que melhor se veja como o mestre ha de entrar dentro da alma consciente da criança que se educa para vêr como se nella desenvolve e aperfeiçoa tudo o que é capaz de aperfeiçoar-lhe a vida.

Verdade, sinceridade, franqueza e respeito aos compromissos

(De um livro a apparecer)

PELO

PROFESSOR JOSÉ RANGEL

A intelligencia nos foi dada para a investigação da verdade, a qual, depois de conhecida, não poderá ser, sob qualquer pretexto, deturpada.

A verdade se alcança pela observação e comparação dos factos, tanto na esphera do pensamento, como em face dos phenomenos que nos possam impressionar os sentidos de accordo com a razão e o raciocinio.

As cogitações permanentes da humanidade não têm sido outras, até hoje, senão a descoberta da verdade, e esta, salvo no dominio das sciencias mathematicas e experimentaes não se pode revestir de um character absoluto, isento de controversias. Animados de bôa fé, e cada um com os seus fundamentos, não raro acontece se encontrarem dois individuos em pontos de vista diametralmente oppostos, sobre doutrinas e principios, cuidando entretanto, um e outro, pisar o terreno mais seguro.

Em assumptos de ordem scientifica, as investigações não padecem solução de continuidade ; aquillo que por muito tempo foi considerado como verdadeiro poderá passar, pouco depois, como falso, em virtude de novos estudos, descobertas e demonstrações praticas e experimentaes mais recentes. Como tudo no mundo evolue e progride, só com os recursos da instrucção e da educação moral, poderemos chegar ao conhecimento da verdade e praticar os deveres da veracidade em toda a sua plenitude, de accordo com as acquisições actuaes e as normas acceitas pela moral dos povos cultos.

Dizer que um homem é verdadeiro, importa em fazer-lhe caloroso elogio, porque a verdade se faz acompanhar de varias outras virtudes que lhe são subsidiarias.

Mentir é proprio dos fracos, dos velhacos, dos invejosos e vaidosos. Mente quem, conscientemente, encobre ou falseia a verdade, tendo em mira, com o artificio, colher beneficio proprio, ou prejudicar a alguem, com malevola intenção.

A covardia, o medo, o interesse e a preocupação de dar vulto ao duvidoso merecimento, levam o individuo de fibra pouco resistente a peccar contra os deveres inilludiveis da veracidade, tornando-se, assim, a sua palavra sempre suspeita. Quem, res-

valando de fraqueza em fraqueza, adquire o abominavel habito de mentir, acaba por perder o bom juizo da opinião, sempre de se desejar e prezar. As menores concessões nesse particular, feitas ao character, podem, a seguir, degenerar em verdadeira enfermidade do espirito.

A fantasia exaltada, o exaggero nas referencias e discripções, a loquacidade, o desejo de gracejar, o empenho de furtar-se á punição, a balda alviçareira de se mostrar sempre bem informado, a preocupação de ser agradável, assim como o bom proposito de attenuar choques ou alliviar soffrimentos, podem tornar o homem menos verdadeiro, sem que dahi advenham maiores inconvenientes, desde que, desse modo de proceder, não resulte prejuizo de ordem moral a terceiras pessoas.

O falseamento, porem, da verdade, dictado por moveis inconfessaveis, visando a honra ou a reputação de alguém, ou com intuitos fraudulentos, constitue verdadeiro delicto, sujeito á sanção dos codigos e da moral.

A mentira porem, salvo caso excepcional, em que ao lado della, intervem a caridade, deve ser integralmente banida de todos os nossos actos e pensamentos.

A *sinceridade* é a pratica habitual da verdade, tanto na palavra como nas acções; é uma virtude digna de ser cultivada, porque, por meio della, nos mostramos tal qual somos e, assim, captamos a confiança das pessoas com quem entramos em relações. A esta qualidade se oppoem a dissimulação e a hypocrisia, verdadeiros venenos que corrompem e degradam o character.

A *franqueza* consiste em dizermos com gravura tudo quanto pensamos e sentimos; predicado até certo ponto apreciavel, requer, entretanto, no practical-a, muito criterio e discreção; para que se manifeste em toda a sua amplitude, é mister que seja provocada, ou que um interesse superior se sobreponha ás conveniencias, porque ninguem tem o direito de emittir, sem necessidade, juizos menos favoraveis sobre pessoas do seu conhecimento ou de avançar proposições que lhe venham ferir os melindres.

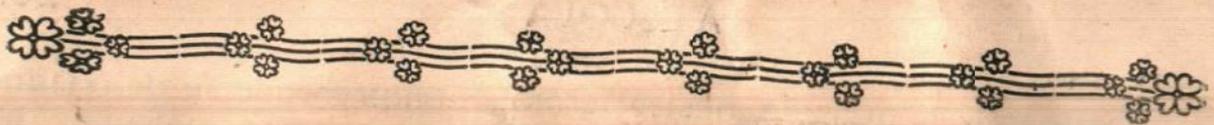
E' dever de todo o homem de bem honrar os seus compromissos; a palavra por elle dada vale por um juramento prestado; quaesquer que sejam as consequencias da responsabilidade assumida, a dignidade exige que della nos desempenhemos, custe isso o sacrificio que custar; uma promessa verbal, por escripto ou tacitamente feita, está sempre vinculada aos principios de honradez e no terreno destes principios não ha transigencias possiveis.

A palavra do homem honesto não carece de fiador; é o proprio character que lhe endossa o compromisso.

Collocada a questão nestes termos, comprehende-se de quanta prudencia nos devemos revestir ao darmos a nossa palavra ou a nossa firma ; cumpre verificar previamente a possibilidade de solvermos a obrigação contrahida, nos termos e na época estipulados, seja esta de natureza moral ou pecuniaria, seja de outro qualquer teor.

Tomem os moços, desde cedo, a resolução de se conduzirem por toda a vida, com lealdade, probidade e honrabilidade ; habituem-se logo a só prometter aquillo que puderem pontualmente satisfazer, porque a sua palavra deve ser uma só.





VARIEDADES

Aprenda a ler!

POR

ANNIBAL PINTO DE SOUZA

A Escola vai-lhe ensinar a ler o medidor do gaz e o da luz electrica.

Uma dona de casa certa vez recebeu um pacote de notas de todos os valores, mas não sabia ler os numeros: no fim do mez perguntaram-lhe quanto gastou e ella como resposta mostrou o caderno do armazem; "sobrou isto"; acrescentou.

Que segurança havia nas contas prestadas pela senhora? Quem poderia garantir-lhes a exactidão?

A Senhora tambem era capaz de fazer isto. Não se ria, com este lindo sorriso de incredulidade.

Como dona de casa moderna, que ama o conforto e estima a civilização, fazendo da sua habitação um recanto de prazer e bem estar, a Senhora não tem na sua cozinha um fumacento fogão de lenha que lhe suja de picuman o tecto branco e as paredes esmaltadas; tambem não tem um limpidissimo fogão electrico, porque como ainda ninguem sabe regular a temperatura de um forno ou fogão electrico, o seu bife será torrado e não assado; as suas panelas ficarão incandescentes e queimarão as mãos da sua cozinheira e o gasto de energia será tão grande que precisará duma forte verba só para cozinhar.

O que a Senhora tem é um magnifico fogão de gaz, que é a commodidade personificada; mas como pode ver quanto gaz está gastando si não sabe ler o medidor? Como vae economizar si não tem noção do que está queimando?

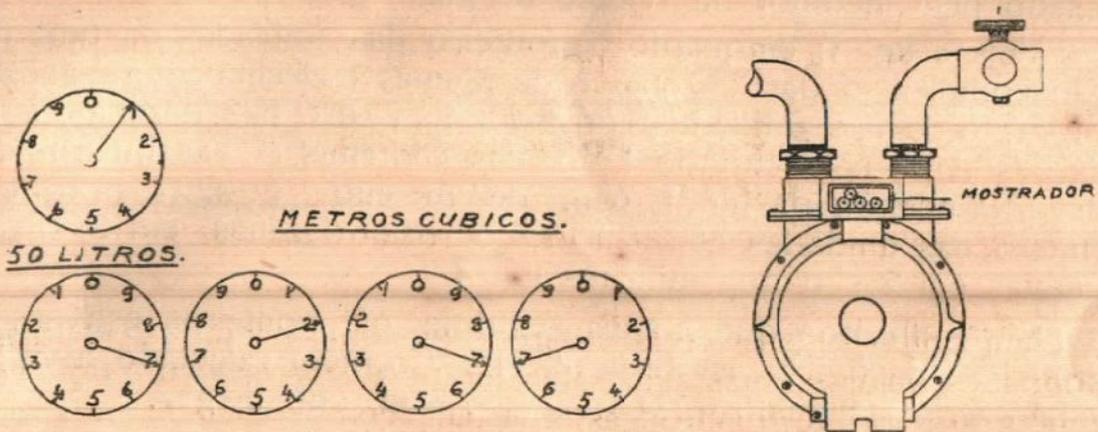
Gostaria de ler alguma coisa a este respeito?

Então passe os olhos pelo que um rabiscador gazeiro es-
creveu para "A Escola".

Os mechanicos dizem que um gaz é uma substancia que não tem forma nem volume constante, mas assim são todas as substancias que conhecemos; isto é um gaz ideal, teorico, que só existe na cabeça dos senhores que sabem mechanica.

Os physicos são uns senhores mas objectivistas, que gostam mais de dizer as cousas que existem no mundo real: para elles, um gaz é uma substancia que não tem superficie de separação com o meio que cêrca.

As cozinheiras ainda são mais realistas que os physicos: para ellas o gaz e não *um* gaz é uma coisa e não uma substancia que queima nos queimadores e dá calor para cosinhar as comidas.



O gaz aqui do Rio de Janeiro é um dos melhores; muito bem distribuido, com uma pressão muito boa, não ha momento em que se abra a torneira, que elle não saia sempre prompto para queimar.

A analyse deste gaz, é a seguinte, em volume por cento:

Anhydrido carbonico	2
Hydrocarbonetos pesados	2
Oxygenio	1
Oxydo de carbono	15
Methanio	22
Hydrogenio	43
Azoto	15

Assim, o gaz de carvão é uma mistura de diversos gazes (e vapores) dos quaes são incombustiveis, isto é, não queimam o anhydrido carbonico, o oxygenio e o azoto (um total de 18 a

20 %); os outros todos queimam com maior ou menor facilidade de modo que 1 m. cub. quando queima completamente dá 4000 colorias — kilo (abbrevia-se escrevendo c. k.)

Vamos dizer o que é caloria — kilo: si tivéssemos um litro d'agua, que pesa 1 kg., e lhe puzéssemos um thermometro, cada grau que a temperatura subisse indicaria que o litro d'agua tinha absorvido 1 caloria — kilo: assim caloria kilo é a quantidade de calor necessaria para elevar de um grau centigrado um kilo d'agua.

Assim para elevar 10 litros d'agua de 20° a 80° c. precisamos de 600 c. k. porque para elevar 1 litro de 20 a 80° c., isto é de 60° c. precisamos de 60 c. k.; logo para 10 l. precisamos de 600 c. k. l. m. cub. de gaz do Rio de Janeiro dá 4000 c. k. logo é capaz de levantar de 20° a 60° c., isto é de 40° c. 100 l. d'agua.

O gaz é então medido em m. cub.; não vamos dizer como um medidor o mede, mas apenas como se lê o volume de gaz passado pelo medidor ou relógio de gaz.

Veja a fig. 1; enquanto o ponteiro das unidades dá uma rotação completa o das dezenas roda apenas 1 decimo; logo a cada 10 rotações do das unidades corresponde 1 do das dezenas; a 10 rotações deste corresponde 1 do das centenas, e assim por diante. Na posição da fig. 1, o n. de m. cub. é 4227, porque o ponteiro das unidades está em 7, o das dezenas em 2, o das centenas em 2 e o dos milhares em 4.

Supponhamos que no dia seguinte os ponteiros estivessem na posição da fig. 2: ler-se-ia 4234,5 (o meio calculado a vista) e então teríamos gasto $4234,5 - 4227 = 7,5$ m. cub. de gaz.

Os ponteiros são collocados na ordem em que se escrevem e lêem habitualmente os numeros.

Acima, um pouco a esquerda, está um ponteirinho que marca os litros: elle serve apenas para ver se ha fugas ou escapamentos no encanamento; si com todas as torneiras fechadas, o ponteirinho dos litros estiver andando ha fugas, e então deve-se fechar a torneira T do relógio (fig. 3) e chamar um especialista nestes assumptos.

Nunca se metta a procurar as fugas do gaz com uma chamma porque pode fazer voar a sua casa, que pelo conforto que lhe trouxe o proprio gaz dando-lhe rapidez no preparo dos alimentos e do seu banho, se tornou o logar ideal para o seu descanso e o orgulho das suas creações.

Agora que já sabe isto tudo, fique sabendo como se calcula o preço do m. cubico. Pelo contracto, a Senhora paga 200 réis por m. cub., sendo 1/2 papel e 1/2 ouro; como nós não temos dinheiro em ouro, temos que pagar a metade ouro em seu equivalente em papel, que é muito mais que 100 réis, ou o pobre

tostão de nickel, simples moeda divisionaria, cujo peso em nickel não vale 100 réis.

A Inspectoria Geral de Illuminação tem o cuidado de todos os dias anotar o valor em papel de 1\$000 ouro, que os jornaes publicam; somma as 30 parcellas e divide o total por 30, tendo assim o valor medio do mez.

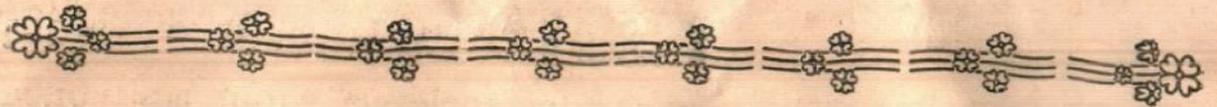
O valor do 1\$000 ouro tem andado por 4\$800 mais ou menos, de modo que 100 réis ouro valem 480 réis papel, que junctos á outra metade em papel ou 100 réis, formam 580\$ réis em papel por m. cub,

Como a maioria das casas gasta mais de 100 m. cub. por mez, têm um desconto de 10 o/o; sejam 110 m. cub.

110 m. cub. a 580.	63\$800
Desconto especial (10 o/o).	6\$380
	<hr/>
	57\$420
Desconto si o pagamento effectuar-se até... (20 o/o)	11\$480
	<hr/>
Importancia a pagar.	45\$940

Assim teve a sua conta um abatimento de 28 o/o o que lhe reduziu o preço de 163 réis, ficando-lhe pois o m. cub. por 417 réis vez de 580 réis, como foi calculado.





ENSINO PRIMARIO

Lingua materna

COMPOSIÇÕES

POR

MARIA COUTINHO DO AMORIM

I

O PRIMEIRO MESTRE

Scena— Junto ao vovô a netinha, trepada em uma cadeira, folheia uma cartilha. O velho, cuja cabeça já alveja e cujos olhos vêm com auxilio de oculos, attende-a solícito e terno.

Desenvolvimento: —

Luizinha é ainda bem pequenina e tem já muita vontade de estudar. Diverte-se em folhear a cartilha, como quem sabe ler. Toda quarta-feira pede ao vovô que lhe compre o *Tico-Tico* e lhe conte as historias, que ella ouve com interesse acompanhando com o dedinho o desenho do enredo.

Muito amigo de sua netinha, que é d'elle todo o enlevo, resolveu o velho tomar a si a

grata tarefa de ensinar-lhe as primeiras letras. A proposta do vovô foi acceita entre applausos por Luizinha, que prometteu ser a melhor das alumnas.

Todos os dias, após o jantar, é sempre a mesma e deliciosa scena: — Vovô, depois de pitar o seu cachimbo e dar, ali em redor da mesa, dois dedos de prosa á familia, chama a netinha, que acode pressurosa. A sua cadeirinha junto á do vovô encosta, nella trepa para bem observar o livro. Elle enlaçando-a pela cintura, com carinho e paciencia lhe vae ensinando as primeiras letras.

Dentro de alguns instantes, o somno cerra-lhe as palpebras,

e seu corpinho pende para o collo do vovô, que a toma em seus braços e beija ternamente.

II

O Poltrão

Scena — Pela estrada, já escura, foge um menino com expressão de pavor. Dentre as sombras de uma moita surgem os vultos indecisos de uma pastora e uma cabrinha.

Desenvolvimento : —

A todos applicava Jorge o qualificativo de «poltrão». Tinha-se na conta de valente, destemido.

Certa vez, tendo adoecido sua mãe e faltando leite em casa, mandou-o buscar numia villa proxima.

De volta, eram seis horas, e já a estrada estava escura ; no inverno escurece cedo.

Vinha elle um tanto apprehensivo e receioso. Numa curva do caminho divisou por entre as moitas um vulto indeciso ; e, ouvindo rumor, soltou um grito de pavor e sahiu a correr.

O vulto era o de uma cabrinha que, attrahida pelos gritos do menino, sahiu do esconderijo e acompanhou-o a distancia. Elle ouvia passos atraz de si, mas não tinha animo de voltar a cabeça para se certificar do que era, e continuava a correr.

A cabrinha, desistindo por fim de seu intento, voltou para junto da pastora.

Jorge, já distante, ouviu aquella mesma palavra que a to-

dos applicava, e que a si coube tão bem, «Que poltrão» !

III

Uma lição de civismo em plena rua

Scena — Dois meninos assistem com seu pae ao desfilar das tropas depois da homenagem ao General Osorio, na praça Quinze de Novembro. A' passagem do pavilhão nacional os homens tiram o chapéo. Esse gesto provoca a curiosidade das crianças, que delle indagam a razão de ser.

Desenvolvimento : —

24 de Maio é dia de festa nacional. Commemora-se a batalha de Tuyuty, uma das paginas mais brilhantes da historia da nossa patria, e uma das mais famosas victorias das forças brasileiras na guerra contra o Paraguay. Rende-se homenagem ao bravo general Osorio, gloria do exercito brasileiro, e cujo monumento se ergue na Praça Quinze de Novembro.

Desperta-se nessa dia ao éco das salvas, que nos lembra a patria e seus servidores. A's seis horas da manhã a bandeira, recebendo os primeiros beijos do sol e as primeiras caricias da brisa, tremula nas grimpas das escolas, dos edificios publicos, nos mastros dos navios, lembrando aos filhos o cumprimento do dever.

Hilton e Alberto foram com seu pae assistir á festa em homenagem áquelle heroe.

Terminada a cerimonia desceram para a Avenida Central, onde ficaram a vêr o desfile das tropas em demanda dos quartéis.

Os soldados marchavam resolutos, firmes. Na frente vinha um official garboso, empunhando o pavilhão nacional

A' passagem do symbolo da patria, as pessoas que se achavam presentes descobriram-se reverentes, respeitando a augusta bandeira.

Hilton e Alberto, estranhando aquelle gesto dos homens, indagaram do pae qual a razão.

— Meus filhos, a bandeira não é um simples trapo; nas suas côres ella traduz tudo quanto a patria tem de bello e grandioso — o ceu sereno e azul, os estados unidos como irmãos, as florestas pujantes e immensas, as riquezas auríferas das entranhas da terra.

As homenagens que se rendem á bandeira são tambem prestadas á patria.

Meus filhos, respeitar e honrar a bandeira é dever de todo nós.

IV

Um exemplo

(*Palestra opportuna*)

A professora, fazendo allusão a dois bons alumnos, duas excellentes crianças, que por circumstancias da sorte se retiraram com a familia para o interior, delles assim fala :—

Muitas saudades nos deixaram Raul e Joanna. Bons companheiros, alumnos estudiosos, exemplares, sabiam bem corresponder aos esforços dos mestres e seguir os exemplos paternos.

O pae é effectivamente um homem como poucos; cheio de coragem, de iniciativa, de amor ao trabalho, amigo da familia, util á patria, é um excellentesenhior.

Como a vida na cidade se lhe tornasse difficil, e com a familia a augmentar, o Snr. Guilherme resolveu ir para o interior, onde comprou com o producto de algumas economias, uma fazendola. Homem trabalhador, converteu aquellas terras em prosperos campos; e da casa, que já estava em ruina, fez uma bellissima vivenda de campo.

As duas crianças, que eram aqui franzinas, debeis, estão hoje robustas, coradas e constituem vivos attestados de quanto o ar dos campos revigora e robustece.

Bons alumnos aquelles! Assiduos, pontuaes, cumpridores dos deveres, eram elles verdadeiros modelos de alumnos.

Que os seus exemplos salutareos fructifiquem entre vós. Deveis tomal-os por modelos e guardar delles as mais grata recordações, como camaradas bons que eram vossos.

V

No campo

Scena — A' sombra de uma mangueira estão sentadas duas

irmãs. A irmã mais velha fala á outra apontando para adiante, para o campo verdejante, onde o gado pasta livremente.

Assim se exprime diante do que vê, do que contempla:—

Querida irmã, como é agradável estar aqui embaixo desta frondosa mangueira! A boa arvore não contente com nos dar a sombra bemfazeja, offerece-nos os fructos saborosos e sazoados que pendem dos seus galhos vergados.

Para o viandante exausto é ella o oasis de sua longa viagem. Sua sombra benefica proteje-o contra os ardores do sol; o nectar de seus fructos atenua-lhe a sêde e a fome da longa e estafante caminhada.

Olha, mana, como é bello tudo que nos cerca aqui!

Aqui no campo apreciamos melhor a natureza. Ha belleza em tudo quanto nos cerca.

Aquellas montanhas, cujos contornos se desenhão nitidos no azul do ceu, são como um fundo avelludado sob o qual tenha lançado primoroso artista as tintas da paisagem, que aos nossos olhos se revela.

No extenso campo alcatifado, onde os matizes de verde se succedem em cambiantes suaves, as florinhas campestres singelas na forma, exuberantes nas cores, dão uma nota alegre ao verde que lhes serve de fundo.

Quanta vida ha em tudo aqui! Repara na alegria, no bem que sente o gado em pleno campo, pastando a relva fresca e viçosa. Aquella vacca, como pa-

cientemente lambe o pello ao novilhinho que lhe chupa a teta! E a cadellinha, como se deixa morder pelo travesso filhinho! Alli no gallinheiro, olha, repara na gallinha malhada; ella se encoleriza quando alguém passa junto da sua ninhada e para protegê-la estende as azas abertas sobre ella. A outra esgrava-ta a terra para dar á prole o alimento de que carece.

Estas aves que vês cortando os ares, agora regres-sam felizes aos ninhos para aque-cer e guardar as avesinhas im-plumes que alli dormem.

Com a sublimidade do in-stincto materno Deus tambem dotou estes animaes.

Por isso, dizia eu, aqui no campo melhor se aprecia, melhor se aprende e mais se avalia a omnipotencia do Creador, que poz em tudo sabedoria, encanto e belleza.

VI

Scena — Num lar modes-tissimo, uma pobre mãe, junto ao berço do filhinho, a cantar-olhar para adormecê-lo, remenda algumas roupinhas, enquanto outra criança brinca feliz na sua innocencia. Assoma á porta a figura angelica e doce de uma Irmã de Caridade, que ao balsa-mo salutar da sua palavra confortadora junta o obolo de caridade, com que ajuda o susten-to daquelles orphãosinhos.

Desenvolvimento:—

IRMÃ JOSEPHINA

Os verdadeiros pobres não são aquelles que vivem a pedir

esmola na via publica. E' mais digno de pena a pobreza envergonhada, que se occulta debaixo dos tectos das choupanas e dos casebres. Estes se envergonham de expor a sua miseria á humanidade.

São as Irmãs de Caridade os anjos protectores dessa gente desprotegida da sorte. Irmã Josephina foi a bondade em pessoa. Desde cedo ella mostrou vocação para a vida religiosa. Bem menina, entretinha-se a fazer camisinhas, roupas, para as crianças pobres da vizinhança, que eram suas amiguinhas prodilectas e por ellas distribuia os seus brinquedos e mimos.

Fizera-se moça. Apesar de rica, não a seduziam o luxo, as

festas, o convívio da sociedade; o seu prazer consistia em fazer bem aos pobres, com os quaes repartia o seu dinheiro, o seu conforto. Na vizinhança era venerada pelas suas virtudes extraordinarias.

Feita para o ceu, não poudes resistir ao appello de Deus; e, contra a vontade de seus paes, fez-se — Irmã de Caridade.

Na communitade foi sempre o exemplo da piedade, da ternura, do amor e do sacrificio. Era ella quem levava a esmola, o consolo, o raio de luz e de esperança á pobreza desvalida.

Toda a sua vida foi de amor, de abnegação e de caridade.

Historia

Pequenas lições de Historia pelo programma das escolas Municipaes

POR

OLYMPIA DO COUTTO

(Ensino primario)

Tudo quanto acabamos de resumir estendia-se por folhas e folhas de papel, com a relação completa dos nomes e qualidades e abundancia de epithetos injuriosos — de nefandos, perversos, abominaveis, infames, etc., etc. que acompanhavam os nomes dos condemnados e todas as referencias ás praticas, conversações, planos, projectos, etc.,

de modo que foi uma nova agonia de duas horas a que soffreram os infelizes condemnados.

Começaram então os ultimos aprestos: A sala do oratorio encheu-se de padres, e Irmãos da Misericordia que iam ministrar soccorros esperituaes aos infelizes que semi-mortos de pavor jaziam ao longo das paredes, uns constrictos numa

ultima confissão que lhes devia abrir as portas da bemaventurança; outros gemendo, estupidificados, incapazes de pensar e de agir.

Por toda a parte, dentro da cadeia, sentinellas de armas embaladas; fóra, tropa de linha reforçando a guarda.

No largo da Lampadosa já se erguia uma forca nova, de altura muito superior á ordinaria como para indicar — a altura do crime ou o desmarcado do castigo; grossos madeiros a compunham, e só o defrontal-a, o pensar nos onze desgraçados que nella iriam encontrar morte ignominiosa, era sufficiente para espalhar em torno o pavor que o tremendo espectáculo devia forçosamente infundir.

A cidade parecia mergulhada em atmospherá irrespiravel: muitas familias, abandonaram suas casas, retirando-se para o campo; as ruas deixaram de ter o movimento habitual; falava-se baixo como em presença de mortos; era geral a consternação.

Na manhã de 20, depois da missa a que assistiram os condemnados, abriram-se as portas da prisão a dar entrada ao desembargador Alves da Rocha que trazia o accórdam confirmativo da sentença, acrescentando no fim que — a seu tempo seria deferida a declaração dos réos a respeito dos quaes seria suspensa a execução.

Por incrível requinte de crueldade fazia-se d'este modo oscillar entre a esperança e o

desengano aquellas almas opprimidas por terrivel angustia, sendo entretanto certo já estar no Rio a carta régia que commutava a pena de morte em degredo, salvo para o desvalido Tiradentes, que talvez não houvesse merecido piedade por ter enfrentado com serenidade e resignação os horrores do carcere e a miseria moral de alguns correligionarios.

Passou-se a manhã de 20 na anciedade de um novo accórdam; e effectivamente, depois do meio dia voltou ao oratorio o desembargador Alves da Rocha, que, abrindo os autos, leu em presença dos réos que — «sem embargo dos embargos, vistos os autos, cumpra-se o accórdam embargado». Parecia ser aquella a sentença final, o golpe derradeiro, a ultima gotta de fel para os miseros condemnados; fez porem aquelle mesmo desembargador uma pausa, como a saborear o supplicio dos infelizes, e por fim lê a carta régia, á vista da qual se lavráva novo accórdam, que passou tambem a lêr e no qual se confirmava plena execução da primitiva sentença para o réo Joaquim José da Silva Tiradentes, unico considerado indigno da real clemencia, commutando-se em degredo perpetuo a pena de morte a que haviam sido condemnados os outros réos.

O povo agglomerado á frente do edificio, ao ouvir o clamor de alegria que vinha de dentro da cadeia, os vivas e acclamações á rainha, rompe tam-

bem em gritos de entusiasmo e a bôa nova rapidamente se propaga da cidade até os bairros.

Abrem-se janellas, enchem-se as ruas e praças como por encanto e em muitas casas acendem-se velas de cêra nos oratorios e entoam-se terços e ladainhas em acção de graças.

Entre os réos a emoção era de alegria, mais não se manifestava em todos do mesmo modo: uns choravam em soluços; outros de joelhos, olhos erguidos ao céu, oravam ou procuravam fazel-o; havia quem se agitasse como louco e quem se quedasse imbecilizado; passado, porém, o primeiro momento, emquanto lhes tiravam as correntes que lhes prendiam pés e mãos, abraçavam os officiaes, beijavam-lhes as mãos, cobriam-nos de bençãos e as acclamações á rainha e á sua clemencia partiam d'aquellas mesmas boccas que tinham durante dois longos annos comido o pão negro do carcere, irrompiam d'aquelles mesmos peitos onde só poderia ter guarida o odio do opprimido.

E o misero Tiradentes, acorrentado, atirado a um canto, desprezado, desvalido, longe de se entristecer e de se revoltar com a injustiça que lhe era feita, felicita sinceramente os seus companheiros e ao proprio director da prisão declara que morria satisfeito por não arrastar ninguem ao seu triste fado e por alcançar, conforme sempre pedira, a graça de ser a unica victima da lei.

Amanheceu por fim o dia 21 de Abril de 1792.

Tudo se preparou como para uma grande festa, para consagração de um grande feito, de modo a impressionar a massa popular e incutir-lhe no animo o poder da realza e o dever da submissão aos soberanos.

Em frente á cadeia postou-se o esquadrão da guarda pessoal do vice-rêi; toda a tropa, menos a que estava de guarda ás fortalezas, formou nesse dia, estendendo-se em linha pela rua da Cadeia, que depois se chamou da Assembléa, largo e rua do Piolho, posteriormente denominados da Carioca, até o campo de S. Domingos ou da Lampadosa, que corresponde hoje á Praça Tiradentes e immediações até a actual Praça da Republica.

No campo, em cujo centro estava armada a força, formaram tres regimentos fechando-o em triangulo, tendo os soldados a face para o povo, naturalmente para se acharem promptos a impedir qualquer movimento em direcção á força.

No largo de S. Francisco de Paula tomou posição outro regimento.

As ruas tinham risonho aspecto, com as janellas das casas amplamente abertas e guarnecidas de damascos e flores. Toda a tropa trajava de gala; os cavallos dos officiaes e mais auctoridades tinham ferraduras e estribos de prata, mantas e gualdrapas de velludo carmezim franjado de ouro, crinas entrela-

çadas de fitas, caudas rematadas por laços côm de rosa.

Por entre o povo esmolavam os irmãos da Misericórdia para o pagamento de missas por alma do padecente.

Enquanto lá fóra nas ruas na manhã radiosa se ostentava todo aquelle concerto festivo, entrava na prisão o carrasco, que vinha vestir a alva ao condemnado e atar-lhe o baraço ao pescoço. Com a maior humildade despiu-se o desventurado Tiradentes, tirando até a camisa, pois, disse — Jesus assim morrera por nós. Segundo o costume, pediu-lhe o carrasco perdão por lhe ir dar a morte, dizendo que era a lei que lhe armava o braço e não a vontade. Tiradentes, chamando-o — amigo — pediu que lhe deixasse beijar os pés e as mãos, o que fez tão humildemente, que chegou a commover o algoz já naturalmente affeito á sua dura profissão reservada nesse tempo a algum grande criminoso.

A's oito horas começou a mover-se o prestito que devia conduzir á forca e á immortalidade o grande Tiradentes.

Abria a marcha uma companhia do regimento de cavallaria e a seguir: bandas de musica militares; o clero; a Irmandade da Misericórdia com o seu estandarte; religiosos franciscanos cercando o condemnado e entoando as orações proprias do funebre acontecimento; o carrasco, ladeado dos seus ajudantes, segurando as pontas da corda que cingia o pescoço do

padecente; as auctoridades civis — o ministro da justiça, o desembargador escrivão da alçada, o desembargador do crime, o ouvidor da comarca, o presidente do Senado. Fechava o prestito a segunda companhia do esquadrão de cavallaria.

Vinha logo após a carreta que devia voltar com os pedaços do corpo do condemnado puxado por doze galés.

Por onde ia passando o triste cortejo ia pasmando a gente da attitude serena do infeliz, que tinha entre as mãos algemadas um crucifixo do qual parecia ir dirigindo preces e caminhava com firmeza embora sem altivez.

Só ás 11 horas chegou o prestito ao campo da Lampadosa, entrando apenas o condemnado, o executor e seus ajudantes e as pessoas da justiça no triangulo fechado pelos tres regimentos. Depois de subir os degrãos do patibulo sem que lhe denunciasse a physionomia qualquer desfallecimento ou revolta, de olhos fitos na imagem de Christo pediu ao algoz que abreviasse o tremendo lance. Não quiz porém a sorte que essa mesma e ultima graça lhe fosse concedida, pois que o guardião do convento de Santo Antonio, frei José de Jesus Maria do Desterro, ou por querer dar provas do seu zelo e amor pelos interesses da realeza ou por qualquer outra razão que o fez pôr á margem a caridade christã, a misericórdia e a compaixão pelo muito que já sof-

frera o infeliz condemnado, entendeu subir alguns degrãos do patibulo e d'alli prégar longo sermão ouvido no mais profundo silencio. Ao terminar recitou o «credo» sendo repetidas as palavras da oração pelo desgraçado que ousára sonhar com uma situação prospera, com uma éra de liberdade para a sua terra.

A' proporção que se aproximava o fim da oração ia o frade descendo os degrãos da força até que as ultimas palavras benzeu-se e pousou no campo.

Chegára a hora suprema: o algoz impelliu a victima que se despenhou no espaço retida pela corda que lhe cingia o pescoço e girou estorcendo-se em convulsões até ser cavalgada pelo executor e quedar-se immovel. Um grito abafado irrompeu da multidão e logo rufaram tambores a cobrir qualquer rumor de pranto, qualquer palavra de compaixão.

E enquanto pendia o cadaver, antes da scena tremenda do esquartejamento, subiu outro frade alguns degrãos do patibulo e novo sermão exhorta o povo a «nem por pensamentos atraçoar o seu rei, pois as proprias aves o denunciariam.»

Estava finda a cerimonia. O povo dispersou-se lentamente; os regimentos formaram em linha ao som dos tambores; mandou então o commandante fazer alto e leu uma exhortação ás tropas relativa á fidelidade devida aos soberanos, terminando por louvar e engrandecer a clemencia da rainha.

Ainda echoavam no espaço os louvores á clemencia real e já decapitavam e esquartejavam o cadaver, salgando-o para remettel-o ao destino que a sentença indicava.

E, suprema irrisão, reunia-se logo após o Senado da Camara e era resolvido:

— convidar por editaes todos os habitantes da cidade a illuminarem festivamente suas casas por tres dias, com a declaração de serem punidos os que desobedecessem; ordenar que se fizessem preces publicas em acção de graças por ter sido descoberta e mallograda a conjuração; realizar grandes solemnidades religiosas com a maior pompa, como convinha a assumpto de tanta relevancia.

As preces publicas tiveram logar na igreja da Ordem do Carmo, que foi preparada e armada com o maior brilho, festivamente illuminada e ostentando sobre o arco cruzeiro um quadro allegorico representando a rainha no throno empunhando o sceptro, tendo á direita a figura da Justiça e á esquerda a da cidade do Rio de Janeiro inclinada em profunda reverencia e arrojando aos pés do throno as cadeias symbolicas da sua vassalagem.

A 26 de abril rezou-se alli missa de pontifical e houve á tarde «Te Deum» e sermão com a assistencia do vice-rei, auctoridades e pessoas gradas e grande concurso de povo.

Só depois de terminadas todas as festas voltou a func-

cionar a alçada, sendo lavrado novo accórdam que mudava em degredo por tempo determinado a degredo perpetuo da ultima sentença e alterava, no sentido de attenuar a pena, alguns dos pontos ou localidades em que ella devia ser cumprida.

Não acompanharemos no desterro os tristes condemnados nem trataremos da sorte que os aguardou; tampouco trataremos de suas familias infamadas por cruel sentença e atiradas á miseria, porque taes factos não entendem directamente com os momentos historicos da nossa formosa cidade. Diremos sómente que um mez depois da execução aqui no Rio, Minas a altiva, que tomára a dianteira nos planos de libertação da metropole, celebrava com procissões votivas, missa solemne, sermões, luminarias nas casas, tudo com a maior pompa, a ventura de se terem mallogrado os infames projectos do infame Tiradentes, cuja cabeça fincada em alto poste na praça principal de Villa Rica era alvo das apostrophes dos oradores officiaes tomados de ardor pela causa real e de horror pelo nefando crime.

Joaquim Silverio que havia sido posto em liberdade assim que se colheram todos os dados para o processo, recebeu como premio da denuncia uma pensão de 400\$000 annuaes, o perdão da divida contrahida com a fazenda real e honrarias que não chegaram a restituir-lhe a serenidade de espirito nem a garantir-lhe o respeito dos seus con-

temporaneos. Receioso de voltar a Minas, retirou-se com sua familia para o Maranhão, accrescentou o nome de Montenegro aós seus appellidos de familia, emfim procurou por todos os meios apagar a mancha que cahira sobre a sua vida e personalidade; entretanto, ainda hoje e por todo o sempre, sua memoria é e será execrada, e seus proprios descendentes o condemnam.

Emquanto assim descia moralmente, degradava-se, aviltava-se o denunciante, o espião de Tiradentes, este subia, ascendia sempre e cada vez mais até se lhe abrirem as portas da Immortalidade no Patheon da Historia. Seu nome é hoje symbolo de amor da Patria até ao sacrificio da propria vida; sua memoria é celebrada annualmente a 21 de Abril com festas civicas a que concorrem quantos conhecem o valor da liberdade, o amor á Patria e á Republica; onde foi erguido em Villa Rica o padrão commemorativo da infamia, ergue-se hoje a estatua do martyr, apontada como exemplo á geração actual e aós posteros; através das chronicas e das varias plantas que acompanharam as modificações da nossa cidade, procurou-se com afan localisar o ponto em que se levantára a forca onde expiára o seu crime, e verificado ter alli séde uma empreza particular, a empreza funeraria da rua Visconde do Rio Branco, nos tempos coloniaes e ainda muitos annos depois — rua do Conde — foi logo

feita a desapropriação necessaria a tornar sagrado aquelle pequeno trecho da cidade: levantou-se alli uma escola que se condecora com o titulo de Tiradentes — e todos os annos a 21 de Abril crianças e mestras, autoridades e povo, representantes do Club Tiradentes e de outros gremios e associações, congregados no sentimento commum de render preito á memoria imperecivel do heróe, realisam expressiva solemnidade que é como que uma oração civica no altar da Patria; a praça ajardinada onde se vê a estatua do 1.º imperador do Brasil, por ficar dentro do antigo Campo da Lampadosa, teve trocado o nome de—Praça

da Constituição — que aliás recordava a nossa emancipação politica, pelo de — Praça Tiradentes; de modo que a Posteridade consagrou e a Historia registra com orgulho aquelle appellido talvez pejorativo de — Tiradentes — que servia a designar o modesto mas intemerato alferes Joaquim José da Silva Xavier.

A este capitulo das — Memorias da cidade do Rio de Janeiro — poder-se-ia com propriedade dar a denominação de — Historia de Tiradentes — pois que os personagens que nella vivem servem apenas a formar um fundo onde realce e se destaque a figura do immortal mineiro

Arithmetica

POR

MATHILDE CIRNE BRUNO

Systema metrico

Para melhor comprehensão, façamos preceder a aula d'uma ligeira recordação de assumptos já estudados nas aulas de geometria.

Assim, fazendo com que os alumnos, mais uma vez, observem e comparem varias extensões, lhes faremos sentir que o tamanho d'um fio de linha, por exemplo, depende exclusivamente do comprimento do fio; que a grandeza da folha d'um caderno depende do comprimento e tambem da largura da folha;

finalmente, que o espaço occupado por um livro é tanto maior quanto maiores forem o comprimento, a largura e a espessura do livro, isto è, que o tamanho do livro depende das tres dimensões.

E uma vez que já conhecem os alumnos as medidas de extensão a 1 e a 2 dimensões, passaremos ao estudo das unidades de volume.

Guiando sempre a nossa palestra de modo a provocar manifestações por parte dos alum-

nos, lhes levaremos a reconhecer que o volume d'um corpo não é mais que o espaço occupado por esse corpo, e que a sua medida é a relação entre essa limitada porção de espaço e uma outra porção de espaço conhecida—a unidade de volume—

Qualquer volume conhecido pode servir de medida, no entanto, apesar de não haver medidas reaes de volume, é considerado o *cubo* como termo de comparação.

Imaginemos um cubo, tendo de aresta uma das unidades lineares já estudadas: o seu volume será uma—unidade de volume.

Ha então tantas unidades de volume quantas são as de comprimento, porem, a unidade principal é o — metro cubico — volume do cubo que tem um metro de aresta.

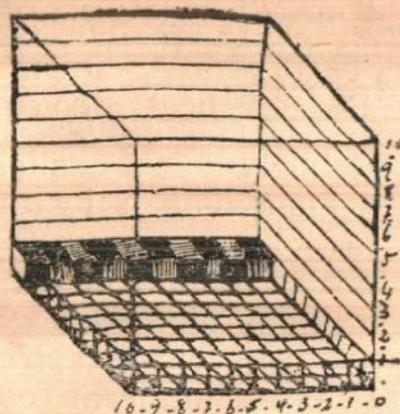
As unidades secundarias são os volumes dos cubos que têm de arestas as unidades secundarias de comprimento, isto é, são: myriametro cubico, kilometro cubico, hectometro cubico, decametro cubico, decimetro cubico, centimetro cubico e millimetro cubicos (as tres primeiras não têm applicação, senão excepcionalmente).

Collocando sobre cada decimetro quadrado da base, um decimetro cubico, ficarão formadas 10 fileiras cada uma com 10 decimetros cubicos, isto é ficará um total de 100 decimetros cubicos. Sendo, porem, precisas, para encher o cubo, 10 camadas iguaes á que se acha sobre a base, ha-

verá no total 100×10 ou 1000 decimetros cubicos.

Si desenharmos agora um cubo tendo apenas 1 decimetro de aresta, elle comportará tambem 100×10 , isto é, 1000 outros cubos de 1 centimetro de aresta, isto é, 1000 centimetros cubicos.

Seguindo sempre o mesmo raciocinio, verificarão os alumnos a constancia na relação entre duas unidades de volume consecutivas.



E sendo cada unidade de volume 1000 vezes maior que a unidade imediatamente inferior, cada unidade póde conter unidades, dezenas e centenas sem formar uma unidade de ordem imediatamente superior (999 decimetros cubicos não formam 1 metro cubico)

Por isso, para representar um numero exprimindo volume, empregamos 3 algarismos para cada unidade.

Em consequencia ainda da lei millesimal, na leitura d'um numero exprimindo volume, separamos, a partir da virgula, para a esquerda e para a direita, grupos de 3 algarismos, correspondendo a um multiplo ou

sub-multiplo da unidade considerada.

— — —

Exercícios para as diversas classes.

- I. Dividindo o metro quadrado em 10 porções iguaes, quantos decímetros quadrados encontramos? Dividindo-o em 100 partes iguaes?
- II. No assoalho d'uma sala de 6 metros comprimento por 4 metros de largura, quantas taboas de 1 decímetro de largura por 2 metros de comprimento ha?
- III. Conhecem-se a somma de 3 numeros e o 1.^o numero. O 3.^o é o quadruplo do 2.^o. Como determinar os dous ultimos?
- IV. São conhecidos o producto de 3 numeros e um delles. Como determinar os outros dous si o 2.^o é o dobro do 3.^o?
- V. Com tres quartas partes do metro posso fazer uma fronha. Quantas fronhas iguaes, poderei fazer com 12 metros?
- VI. Dividendo um numero por 24, encontrei um resto igual ao quociente. Si dividir agora o mesmo dividendo pelo numero que appareceu no resto da 1.^a divisão, que quociente devo encontrar?
- VII. Multiplicando um numero por 34 veiu elle augmentado de 165 unidades. Qual o numero?
- VIII. Dar á expressão seguinte a forma d'uma potencia:
- $$7 \times 4 - 3 \times 8 + 5 \times 4 + 9 \times 8$$
- IX. Escrever sob a forma d'um producto de 2 factores:
- $$7 \times 4 - 3 \times 2 + 4 \times 2 - 3 \times 7$$
- X. O quociente d'uma divisão é 15. Augmentando 4 unidades ao divisor, quantas unidades devemos sommar ao dividendo para que o quociente não altere?
- XI. Que tempo será preciso para um capital collocado a 8 % ao anno, render os $\frac{6}{25}$ de seu valor?
- XII. A que taxa esteve collocado um capital que no fim de tres annos e 45 dias rendeu os $\frac{3}{8}$ do seu valor?



LITTERATURA

Vingança de martello

POR

BALTHAZAR PEREIRA

*Um pedaço de ferro, ardente e incandescido
da fornalha sahio e á bigorna atirado,
sem compaixão batido,
negros males gemeu :*

*—Quando, martello irado,
me livrarei de ti? Sorte mesquinha e dura!
Tu me punges sem dó, calmo, implacavel, frio,
no excesso da tortura...
E que serei depois? Mudar-me-ás de feitio?
Serei barra ou varão? Serei varão ou chapa?*

*Venturoso de mais, do supplicio tremendo
o pobre humilde escapa;
transforma-se em martello e hoje—destino cego—,
hoje de cima esquece os passados horrores,
ferindo, arrebrandando as cabeças de prego,
surdo a gritos e dores.*

(Do Livro de Fabulas)

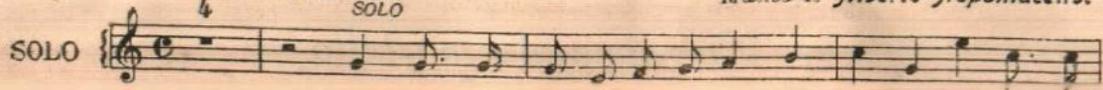
Ao Corpo discente da Escola Normal.

HYMNO DA ESCOLA NORMAL

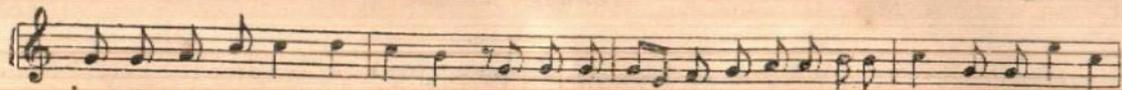
Versos de Osorio Duque Estrada.

ALLEGRO MAESTOSO
SOLO

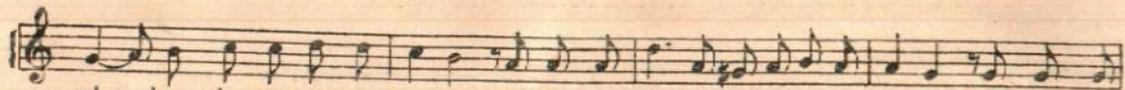
Musica de Alberto Nepomuceno.



No - bre incen - di - do, a - le - van - ta - do e pu - ro, Lon - ge, bem



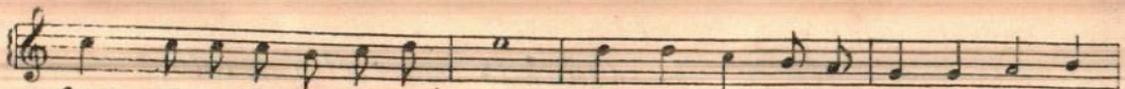
lon - ge o nos - so ideal al - can - ça: A - brir á Pa - tria a senda do fu - tu - ro, Cantar com



el - la um hymno de espe - rança! A Escola é o bel - lo templo illumi - na - do Que ao céu da



paz e a glo - ria nos con - duz: quem entra nel - la, em - tre vas mer - gu - lha - do Traz, na



fron - te, a sa - hir o al - vor da luz, Traz, na fron - te, a sa - hir, o al - vor da

CÓRO

luz. Teu plo, que de luz i - nuna - da O ho - ri - zen - te do por - vir, E' nes - sa

fon - te fe - cun - da Que o Bra - sil se nu - trir, E' nes - sa fon - te fe - cun - da

SOLO

que o Bra Sil se ha de nu - trir. 3 - - - - - Á con - ver - ter-se em ful - gi - do bri -

lhan - te Ás nos - sas mãos vem o dis - man - te bru - to; A Esco - la é que cul - ti - va a cada ins -

- tan - te A plan - ta que ha - - de dar a flô - reo fru - cto. Can - ta - mos,

pois, com fe - bre o nosso hym - no Ao templo, á luz, que a gloria nos pre - diz: Re - pou - sa

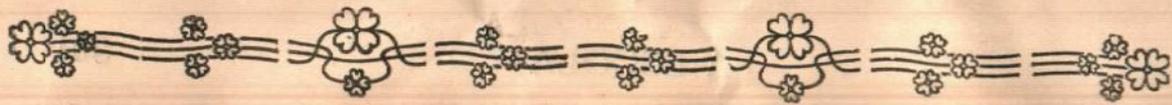
nel - le. ó Pa - tria, o teu des - ti - - no, Que ainda um di - a ha - de ser grande e fe - liz!

CÔRO

Que ainda um di - a ha - de ser grande e fe - liz! Templo que de luz i - nun - da O ho - ri -

- zon - te do por - vir. E' nes - sa fon - te fe - cun - da que o Bra Sil se ha de nu -

trir E' nes - sa fon - te fe - cun - da que o Bra Sil se ha de nu - trir 3



Informações e Avisos

Programma para a diffusão do Ensino Primario no Brasil

No dia 17 de Outubro corrente, reuniu-se na Liga da Defesa Nacional um grupo de technicos em questões de ensino e educação para estudar o problema da diffusão do ensino primario no Brasil.

Compareceram a essa reunião os seguintes senhores : Drs. Edmundo Muniz Barreto, Moitinho Doria, Goulart de Andrade, Coronel Gregorio Fonseca, Dr. Alberto Moreira, D. Jeronyma Mesquita, General Raymundo Pinto Seidl, Gabriel Skinner, professor José Piragibe, professor José Rangel, Dr. Alvaro Rodrigues, João Luderitz, Coryntho Fonseca, Mario A. Freire, Coronel Liberato Bittencourt, Drs. Frota Pessoa, Alfredo Cesario Alvim, Julio Nogueira, Alberto de Faria, Dr. Heitor Lyra da Silva e Dr. Edmundo Miranda Jordão.

Aberta a sessão pelo Sr. Ministro Muniz Barreto, Presidente da Comissão Executiva da Liga, que expoz os motivos

da reunião, foi dada a palavra ao Dr. Alberto Moreira, membro da mesma Comissão, que proferiu o seguinte discurso :

«Meus senhores : A Liga da Defesa Nacional convidando-vos a vir collaborar com ella, na organização de um programma capaz de solucionar o magno problema da diffusão do ensino primario no Brasil, não pretende extinguir o analphabetismo de um golpe.

Ella conhece perfeitamente as difficuldades do problema e é por conhecê-las que me encarregou de aqui expôr a situação real que se nos depara, esperando que de vós partam as idéas, que hão de fazer surgir um plano efficiente, para que o Brasil deixe de ser o que é e seja o que deve ser.

Segundo os dados estatísticos fornecidos pelo recenseamento de 1920, o ultimo e o melhor realizado no Brasil, a população de analphabetos em eda-

de escolar, attinge ao elevadissimo numero de 5.282.866 crianças de 7 a 14 annos, sendo do sexo feminino 2.612.318 e do masculino 2.670.588, isto é, numa população em idade escolar de 6.582.017 crianças apenas sabem lêr 1.296.131.

Estes numeros são desoladores.

Em todo o Brasil existem apenas, segundos os dados officiaes remettidos á Conferencia Internacional do Ensino Primario, 17.294 escolas, divididas em escolas isoladas, escolas reunidas, grupos escolares, escolas modelos, complementares, municipaes e particulares. Essas escolas têm uma matricula de..... 1.080.752 alumnos com uma frequencia média de 678.684.

As despesas com o ensino primario segundo os dados officiaes a que nos referimos, não ultrapassam de 59.570 contos para uma arrecadação de 446.637 contos, ou seja 13.1% sobre a renda geral dos Estados e Districto Federal.

Essa proporção baixa em alguns Estados, como em Pernambuco, a 3.1% sobre a arrecadação, para elevar-se a 20.1% em Santa Catharina o Estado que honradamente bate o «record».

A percentagem da população infantil sem escolas, e notem que estes dados estatisticos foram fornecidos pelos proprios Estados, attinge a 95.1% nos Estados de Piauhy e Goyaz, para baixar num «record» inverso a 41.1% no Districto Federal. Seguem as pégadas da nossa Ca-

pital a minuscula Santa Catharina, o Rio Grande do Sul com 43 e 44.1%, respectivamente, influencia por certo das suas colonisações para ascender em S. Paulo, o Estado «leader», a 56.1% e o seu companheiro em prestigio Minas Geraes, com 64.1%.

Como vêdes, o problema é alarmante e precisa que cuidemos delle com interesse e carinho, dentro das nossas possibilidades economicas e das nossas finalidades sociaes.

Gastamos actualmente, como já dissemos acima, no Districto Federal e Estados, no Districto Federal com a tabella Lyra as despezas cresceram de cerca de 30.1%, sem que o ensino tivesse maior efficiencia, 59.570 contos, o que corresponde a uma média de 55\$000 por alumno. Precisaríamos, portanto, para attender a nossa população escolar sem escolas, mantida essa média, mais 290.559. contos.

A arrecadação correspondente a estes dados estatisticos era, no Districto Federal e nos Estados, de 446.637 contos e as despezas a realizar para dar escolas a toda a nossa população em idade escolar recenseada, de 290.619 contos, ou mais de 50.1% da arrecadação geral.

Basta o estudo destes numeros para verificar que o problema não póde ser resolvido exclusivamente com o concurso dos Estados. A União tem de ter a seu cargo uma parte das despezas e constitucionalmente é ella a isso obrigada, como se deduz de uma combinação do

art. 71, n. 2 do § 1.º com o numero 35 do art. 35 da mesma Constituição.

Na Republica todos os poderes emanam do suffragio e se para ser eleitor a Constituição exige que o individuo maior de 21 annos saiba lêr, decorre daí para a União a obrigação de decretar leis e resoluções necessarias ao exercicio desse poder e não vejo nenhum outro meio de preparar cidadãos para o exercicio desse poder maximo na Republica do que abrindo escolas, disseminando a instrucção primaria por toda a parte.

Mas, retomando o assumpto, dos numeros que vimos analysando, resulta o seguinte dilemma ou continuamos a ensinar apenas 30 % da população escolar recenseada, deixando que os restantes 70 % continuem a engrassar o numero de analphabets existentes no paiz ou teremos de lançar mão de medidas extremas para, reduzindo os programas actuaes, estender o ensino a todos os outros.

Quando no Brasil se procurou dar combate á escravidão, os estadistas do Imperio procuraram por uma série intelligente de medidas, restringir o mal, antes de chegar a aurora de 13 de Maio.

Prohibiram o trafico dos escravos, libertaram os nascituros, deram liberdade aos sexagenarios e extinguirão por fim a escravidão.

Com esta outra praga que entorpece o nosso progresso, façamos o mesmo. Façamos como

naquelle tempo, a propaganda intensiva por todos os meios. Na imprensa, na tribuna, no Parlamento, nas sociedades literarias, por toda a parte, um homem que sabe ler deve constituir-se na obrigação de eliminar dos nossos quadros estatisticos um analphabeto. Não se pensa em extinguir, como já disse, o analphabetismo de um golpe, mas podemos cogitar de medidas que dentro das nossas forças economicas nos permittam realizar mais, muito mais do que realizamos, com as mesmas verbas actualmente gastas ou majoradas, sem o sacrificio dos outros deveres do Estado ..

Foi com esse objectivo que a Liga vos convidou a colaborar com ella na solução deste problema.

Como base para os estudos que vamos emprehender, suggerimos os seguintes alvitres:

1º, limitar o ensino primario gratuito em todo o Brasil ao ensino elementar de tres annos, onde as crianças possam aprender a ler, escrever, contar, desenhar e trabalhar;

2º, entregar á iniciativa privada o ensino médio e complementar, hoje ministrado nas escolas primarias, podendo os estatutos manter escolas desse genero, cobrando razoavel taxa de matricula;

3º, instituir a bolsa de auxilio para as crianças pobres que se distingam nas escolas primarias gratuitas;

4º, augmentar o numero de patronatos agricolas, escolas pro-

fissionaes, escolas de aprendizes marinheiros e escolas de artifices militares, onde possam ser internados os abandonados ou os filhos daquelles que não possam prover a manutenção dos seus;

5º, estabelecer internatos de instrucção primaria elementar e profissional, onde possam ser recolhidas as crianças pobres que habitem zonas, onde a população seja muito disseminada.

Para superintender este programma de educação nacional, deve ser creado um departamento tecnico central na Capital da Republica, com delegações em todos os Estados.

As despesas com o ensino primario devem ser divididas pela seguinte fórmula:

A' União cabe o custeio do departamento central, suas delegações nos Estados, o ensino normal, os patronatos agricolas, escolas de artifices, escolas de aprendizes marinheiros e escolas de artifices militares.

Aos Estados as despesas com professorado, material didatico e os internatos de que trata o numero 5.

Aos municipios cabe fornecer a casa para a escola, localizar a mesma onde possa ter maior frequencia e fornecer o respectivo mobiliario.

A fiscalzação do ensino se dividará pelos tres poderes, de maneira a cada um fiscalizar as attribuições dos outros.

Eis em linhas geraes o plano que submettemos ao vosso

estudo, sem termos a pretensão de impôr idéas, mas apenas suggerir medidas que vós, technicos, podereis melhor attender com as esclarecidas luzes do vosso saber.

Reduzindo o ensino primario gratuito ao ensino elementar de tres annos, com um programma simples, nós procuramos attender as classes pobres por excellencia, ao operariado em geral e não ás classes burguezas que podem enviar os seus filhos ás escolas pagas do Estado.

Mas nem assim privamos o pobre que realmente se distinga nessas escolas do acesso ás escolas superiores, instituindo a bolsa de auxilio.

Entrugando á iniciativa privada o ensino médio e complementar, favorecemos a criação de escolas por toda a parte, concorrendo por essa fórmula para uma maior disseminação do ensino.

Augmentando o numero dos patronatos, escolas de artifices, escolas de marinheiros e artifices militares que hoje não existem, mas que em tempo constituíram optimos contingentes para formar o operariado dos nossos arsenaes, procuramos afastar do deleterio ambiente das ruas os abandonados, os desprotegidos, essa numerosa classe de pequenos criminosos que vão futuramente povoar as cadeias.

Para attender ás populações disseminadas, onde se não pode estabelecer escolas, nem enviar o professor itinerante, lembramos a criação desses internatos, uni-

co meio de instruir esses nossos patricios, localizados nas regiões ignotas do paiz.

Distribuindo as despesas a fazer pela União, Estados e municipios, tivemos em vista, além do problema economico, um problema social

Dando a União o ensino normal nós concorremos para que se estreite os elos da Federação dando uma uniformidade ao ensino que elle hoje não tem, facultando á União preparar por esse meio um centro orientador para todos os nossos problemas sociaes.

Commettendo ao Municipio o fornecimento da casa e respectivo mobiliario escolar, tiramos dos hombros do Estado uma despesa que vae accrescer no augmento do professorado pago pelo Estado. Poderemos desenvolver a iniciativa privada, permittindo dar a cada escola o nome do individuo que queira doar o predio e o seu respectivo mobiliario, que se queira salientar no seu municipio por uma obra de benemerencia, estimulando assim a emolucão entre os municipios para o beneficio colectivo.

O Brasil tem 1366 municipios, pouco mais de uma duzia de escolas por municipio, é a divisão da responsabilidade e da despesa e o estímulo que se vae desenvolver na cellula, de profundos e promissores resultados.

Perdão, senhores, eu estou me excedendo, o entusiasmo levou-me mais longe do que devia, o meu fim era pôr o pro-

blema em equação, a vòs é que compete resolvel-o.

Recebidas as suggestões do orador com applausos da assistencia, seguiu-se com a palavra o Dr. Moitinho Doria, vice-presidente da Liga, que proferiu um bellissimo discurso, recordando do Dr. Moreira, que acabavam que as idéas de ser ouvidas pela assistencia, eram o primeiro passo para a solução do problema, que tinha uma amplitude muito maior.

Recordou as conferencias que proferio naquelle recinto expondo o seu plano de educação nacional que tem de abranger um periodo mais largo, indo dos bancos da escola primaria a caserna, onde todos devemos completar o nosso preparo physico, intellectual e moral para bem servir a patria.

Usou então da palavra o presidente, Sr. Ministro Muniz Barreto que em longo discurso expoz o plano que a Liga pretende realizar.

Elle se compõe de tres partes distinctas, alphabetisação intensiva do Districto Federal, pela constituição de uma commissão geral—tantas commissões districtaes quantas sejam precisas para levar o ensino a adultos e menores, a todos os recantos da cidade. Essa é sua campanha delicta, na victoria deste desideratum está empenhado o seu prestigio pessoal.

A segunda constitue o trabalho da reunião que agora preside. E' um assumpto que exige a competencia de technicos e a technicos está commettida.

A terceira visa as idéas já conhecidas do publico consubstanciadas nos trabalhos do Sr. Dr. Moitinho Doria. E' a cupula do grande edificio que a Liga pretende construir com o apoio de todos os bons patricios que almejam para o Brasil a posição de destaque que elle merece pela sua grandeza territorial, suas riquezas em ser, seu papel proeminente no mundo.

Ao terminar, foi o orador calorosamente applaudido.

Seguiu-se então com a palavra o professor Julio Nogueira que declarou pôr a disposição da Liga, o seu plano de disseminação do ensino, premiado pela Academia, devendo frisar que entre as idéas do orador e as expostas naquella reunião pelo Sr. Dr. Alberto Moreira, se confundem por tal maneira, que se podia asseverar constituirem ellas um unico plano.

E nenhuma estranheza isso lhe causava, pois o problema a seu ver só tem a solução que acaba de ser exposta e para a sua victoria o orador se alistava desde já como um collaborador assiduo e prestante.

Lembrou então o Dr. Alberto Moreira que, constituída a assembléa quasi que exclusivamente de technicos, não sabia como seleccionar competencia

para constituir uma commissão, por isso propunha que se inscrevessem como membros dessa commissão os que quizessem collaborar nos trabalhos da Liga.

Usou então da palavra o professor Rangel, director da Escola Normal desta cidade que ponderou dever a commissão ser constituída por cinco membros e lembrou nomes que se tinha já revelado na presente assembléa como estudiosos do assumpto. Foram então suggeridos outros alvitres, sendo por fim constituída uma commissão composta dos Srs. Moitinho Doria, Alberto Moreira, Julio Nogueira, Frota Pessoa, José Piragibe, Alvaro Rodrigues e Heitor Lyra, director da revista «Educação» e secretario ds Associação Brasileira de Educação. Foi igualmente resolvido que se enviasse a todos os presentes as bases offerecidas pelo Dr. Alberto Moreira, afim de na proxima reunião poderem ser discutidos os alvitres suggeridos nessas bases.

Communicaram a sua solidariedade os Srs. Dr. Afranio Peixoto, Paulo Maranhão, Ignacio Amaral e Arthur Maggioli e escusou-se por não poder comparecer devido aos seus affazeres, o Sr. Dr. Carneiro Leão, director geral da Instrucção Publica Municipal.





Atravez das revistas

Nova expedição Arctica

— Em fins de junho seguiu para as regiões arcticas uma expedição dirigida pelo doutor B. Macmillan e organizada pela *National Geographic Society*, de Washington.

Um dos objectivos da expedição é examinar as ruinas dos antigos povoados de Norse, na Groenlandia, perto de Julianehaab e Godthaab, e comparal-as com as descobertas na costa do Lavrador.

A partir de Godthaab a expedição fez-se de vela até Etah, onde chegou em principios de agosto onde estabeleceu uma base de aeroplanos amphibios para explorar as geleiras da Groenlandia e as terras de Ellesmere e de Grant.

De Etah levou-se por via aerea provisões e petroleo para uma segunda base, no cabo Thunas Hubbard, ao norte de Axel Hesbengland, situado a 4.000 kilometros de distancia.

Esta base servirá para realizar uma exploração, por meio de aeroplanos, da aréa desconhecida, situada entre o archi-

pelago arctico canadense e as ilhas da Nova Siberia. A distancia até o centro dessa area desconhecida (1000 kilometros) o doutor Macmillan espera realizar em um só vôo de ida e volta, caso não descubra novas ilhas onde então terá de aterrar.

Logo que realizar este grande programma nas regiões do norte, a expedição seguirá para o sul, ao largo das plagas orientaes de Ellesmere até a ilha Bylol, que servirá de base para uma exploração aerea da terra de Baffim. Por ultimo, se utilizará da bahia de Nachvak, como outra base para realizar explorações aereas ao norte do Lavrador.

Durante todos os vôos serão feitas observações das camadas superiores da athmosfera.

Espera a expedição regressar no outomno.

Real Sociedade Geographica da Gran Bretanha

— Esta douta corporação, estabelecida em Londres, acaba de eleger sete membros correspondentes, entre os quaes figuram

o Senhor Luiz Cubillo Muro, director geral do Instituto Geographico e Estatistico de Madrid, e o Padre José Fischer, S. J. professor no collegio Stella Matutina de Felkirch (Voralberg, Austria).

O Padre Fischer é autor de muitos trabalhos sobre Historia da Geographia, um dos premiados na Universidade de Innsbruck, dos varios que foram traduzidos em inglez e hespanhol. Entre os restantes agraciados figuram geographos brilhantes e conhecidos como o professor M. de Martonne, da Sorbona de Paris, o general N. Vacchelli, director do Instituto Cartographico Militar de Florença e presidente da União Geographica Internacional.

Uma nova planta textil

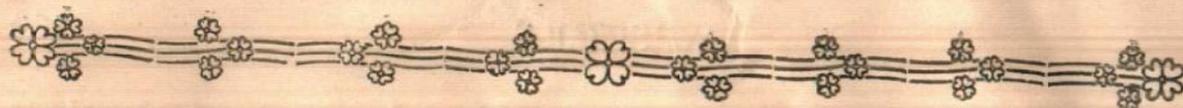
— Em Taperinha, localidade proxima a Santarém, o centro mais importante do baixo Amazonas

(Estado do Pará), o naturalista suiso Hagmann, estabelecido ha muitos annos naquella região, cultiva em uma plantação de 300 hectares, mais de 500.000 pés de *curaná*, bromeliacea que fornece uma das fibras textis mais resistentes que se pode encontrar. As folhas da planta, com dois annos, medem 1, m20 e podem ser colhidas. Os 500.000 pés podem dar um rendimento de 150 toneladas que valem 420 contos de réis.

Os technicos consideram esta fibra como muito apta para fabricação de toda a especie de tecidos e para cordoaria.

Dada a abundante procura de fibras textis, Hagmann poderia elevar até 3 milhões o numero de pés de *curaná* que cultiva e obter até 900 toneladas de fibras dando origem, assim, a uma nova industria.





BIBLIOGRAPHIA

Revista Maritima Brasileira—*Anno XLIV—Junho de 1925—N. 12*—Traz trabalhos de Augusto Vinhaes Cap. de Fragata, Dr. Theophilo Nolasco de Almeida, Capitão de Fragata Charles C. Gill, Capitão Tenente Aviador Armando Tranyrons Say, Capitão de Corveta Lucas A. Boiteux, Marechal R. Transpowsky, Cap. de Fragata Alfredo Bernard Colonia e Capitão de Corveta Alvaro Alberto da Silva.

Capitão de Corveta Olavo Coutinho Marques—*Diplomado pela E. Naval de Guerra e professor da E. Naval—O comando e a moral; o caracter e a personalidade.*—(Conferencia realisada na E. Naval em 18 de Setembro de 1925).

—E' um interessante estudo, cuja leitura é de grande utilidade e vantagem não somente para aquelles que se preocupam com o aspecto especial do problema militar, mas para quantos se interessam pelas questões referentes á educação em geral, e aos quaes a recom-

mendamos, tendo tambem em vista a conveniencia de diffundir entre todos os educadores o conhecimento dos preceitos geraes da doutrina em que deve se fundar a educação militar.

Romance-Jornal—N. 9
-Romance completo—**O Po-lo em chamma**-Heitor Fleischmann-Editora—«A Ecletica»—*Rua Boa Vista, 24- São Paulo*
—Cada numero do «**Romance-Jornal** publica um romance completo que é vendido pelo preço de trezentos reis. Teem sido, assim, publicadas já varias obras, postas ao alcance do publico por um preço mais do que modico.

Até hoje já foram publicados as seguintes obras:

1º numero — «A Criança abandonada» de A. Daudet e «Curiango» de Affonso Schmidt; 2'—«O Dr. Coppelius» de Hoffmann e «Os Humildes» de Vicente de Carvalho; 3' — «O Capitão Veneno» de Pedro A. De Alarcón; 4'—«Canto do Natal» de Carlos Dickens e «O Outro» de Edgard Poe; 5' — «Uma Pai-

xão Romantica» de Joaquim Manoel de Macedo e «Harmonia» de Affonso Schmidt; 6'—«Vamos com elle» de Henrique Sienkiewichz e «A Bolsa de Seda» de Joaquim Manoel de Macedo; 7'—«A Senhorita Primavera» de Paulo Margueritte; 8'—«Cornelia» de Miguel Cervantes e «Selvagem» de Vicente de Carvalho; 9'—«O Polo em Chammas» de Heitor Fleischmann; 10'—«Brumas» de Lorenzo Stanchina e «O Attestado de Obito» de L. T. Meade e Clifford Halifax; 11'—«Aventuras de Martin Burney» de O. Henry; 12'—«A Mestra do Bairro» de Edmundo de Amicis e 13'—«O Medico Louco» de Leonidas Andreieff.

Adalberto de Mattos — O pintor **Victor Meirelles de Lima** — *Homenagem da Casa Villas Boas no dia da inauguração do busto do artista no Passeio Publico*—E' um interessante estudo em que mais uma vez se revella a brilhante figura de Adalberto de Mattos, já consagrado como artista laureado e professor emérito, cujos escriptos publicados nas paginas desta revista despertaram o mais vivo interesse entre quantos se preocupam com o ensino artistico.

Revista do Instituto dos Docentes Militares N. 9 — *Setembro de 1925*—O presente numero traz trabalhos de J. Marques da Cunha, Marechal Dias de Oliveira, Alfredo Severo,

R. Trompowsky, A. J. de Amarante, B. Vieira Lima, Jonathas Barretto.

A Voz do Mar — *Organ Official da Confederação Giral dos Pescadores do Brasil—Boletim da Directoria da Pesca e Saneamento do Littoral—Anno IV—Rio de Janeiro—Setembro de 1925—N. 48*—Alem de varios artigos e secções ineditoriaes traz trabalhos do Almirante Caio de Vasconcellos, Fernando de Buen, W. B. Seabrook, Adalberto Nunes.

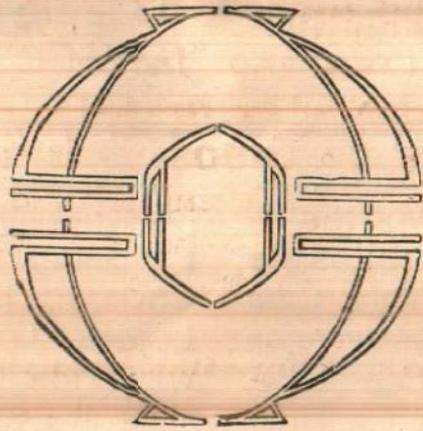
El Monitor de la Educacion Comun — *Ano 44—Numero 632—Tomo 94—31 de Agosto de 1925—Organo del Consejo Nacional de Educacion*—Publica trabalhos de Balviera S. de Fernandez Etchegaray, Julio A. Costa, F. Julio Picarel, Lilia G. Lacoste, J. Martinez, Jhan Dewey, Hilario Sanz, Marti Alpera, alem de varias secções editoriaes.

El Monitor de la Educacion Comun — *Ano 45 N. 633—Tomo 94—30 de Setembro de 1925—Organo del Consejo Nacional de Educacion*—Traz trabalhos de Gilberto S. de Kunth, José A. Natale, Antonio Restanio, José Cetrangolo, R. Crespo.

A Universal—Circularam mais os numeros 40, 41, 42 43 desta bem confeccionada revista encyclopedica, com variada collaboraçã e artisticas paginas coloridas.

ALABAMA

1904



COMPANHIA MECHANICA E IMPOR- TADORA DE S. PAULO

Séde em S. Paulo — Rua 15 de Novembro no. 36
Endereço Telegraphico "MECHANICA"
Caixa Postal 81

CAPITAL RS.: 10.000.000\$000 — FUNDO DE RESERVAS RS.: 8.364.172\$529
FILIAL NO RIO DE JANEIRO

Avenida Rio Branco, 63 — 1º andar

End. Telegraphico "JAVASCO"

Caixa Postal 1534 — Phone N. 5374

Grande Fabrica de Oleos — Rua S. Christovão, 650

CONSTRUCTORES E EMPREITEIROS

Fornecedores dos Ministerios Federaes, Repartições Publicas
e Estradas de Ferro.

Machina para lavoura, tur-
binas e engenhos.

Grande laminação de ferro
e aço.

Fundição de aço ferro e
bronze.

Officinas mechanicas.

Fabrica de enxadas, macha-
dos e picaretas.

Fabrica de parafusos, rebi-
tes, porcas, etc.

Fabrica de pregos (pontas
de Paris).

Fabrica de tubos de barro,
material sanitario, telhas e
tijolos.

Grande Serraria.

Trilhos, carvão, ferro, aço,
material para estradas de
ferro, cimento, tintas, ver-
nizes, solda caustica, breu,
folhas de flandres, tubos
pretos e galvanizados, etc.

AGENTES EXPORTADORES DE

Aniagem, tecidos de juta, al-
godão, e outros, saccoes
para café, cacau, cereaes, etc.

Carnes congeladas e
em conservas, couros, sebo,

Acidos, oleos, louça
esmaltada.

FILIAES:

Rio de Janeiro, Santos, Londres, Nova-York e Genova

A Equitativa dos Esta

SOCIEDADE DE SEGU

Séde Social: -- Avenida Rio Branco, 125

Relação das apolices sorteadas em

77.º SORTEIO — 15

	99.436	José de Moraes Corrêa	Parnahyba—Piauhv.
1.º	139.371	Guilherme Mario Kellel Asseburg	Curityba—Paraná.
2.º	112.203	Arthur Leão e Silva	São Luiz—Maranhão
	139.405	Luiz Horacio Pereira	Maracanahy—Ceará.
	145.182	Carlos Oertle	Parahyba - Parahyba
	52.707	Dr. Alvaro da Silva Rego	Bélem—Pará.
3.º	85.609	Pedro Alves de Moraes	Cruzeiro do Sul-Acre.
	99.201	D. Guilhermina Rodrigues da Cunha	São Gabriel-R. G. Sul
	105.387	Pedro Marinho Falcão Filho . . .	Maceió—Alagoas.
	151.541	Armando de Araujo Mello	Idem—Idem.
	149.602	Dr. Luciano Dimas dos Reis	Jequié—Bahia
	16.436	Estevão Soares e esposa	Capim Grosso—Idem
	152.494	Geraldo Odilon Loureiro	S. Thereza—E Santo.
	151.856	Ricardo Bucker	S. Francisco—Itaguassú-Idem
	121.224	D. Altina Soares Pereira da Graça	Dores do Pirahy—E. Rio
	51.032	Antonio Picanço de Abreu	S. Fidelis—Idem.
4.º	124.386	Tertuliano Antonio da Fonseca Lessa	Valença—Idem.
	147.467	Sabino Machado	Cel. Cardoso—Idem.
	147.831	Joaquim Manoel Correa de Oliveira	Pau d'Alho-Pernambuco
	147.820	Sigismundo de Medeiros Rocha . . .	Recife—Idem.
	152.545	Felippe Nunes de Barros	Petrolina—Idem.
5.º	102.042	Pedro Demetrio Pereira de Mello	Recife Idem.
6.º	99.805	Mario Honorio Martins e Francisco Canuto Annuniação	Idem—Idem.
	132.235	Christovão Pimentel Duarte	Cidade do Pará—Minas.
7.º	98.168	Dr. José de Paiva Oliveira	Poços Caldas—Idem.
	131.667	Arthur Campos	Santa Barbara-Idem
	46.547	Firmo Teixeira de Abreu	B. Horizonte—Idem.
	49.364	Dr. Aristides Cunha	Monte Santo Idem.
	53.888	Saturnino Rodrigues da Cunha	Pires do Rio—Idem.
	147.064	Juvenal Nunes Pinto	B. Horizonte—Idem.
8.º	108.787	Randolpho Rodrigues da Trindade	Ouro Preto—Idem.
	143.511	Raul Silva	Tombos—Idem.

dos Unidos do Brasil

ROS SOBRE A VIDA

Rio de Janeiro (Edifício de sua propriedade)

dinheiro, em vida do segurado!

DE OUTUBRO DE 1925

	130.993	Nemen Rahrouge	Juiz de Fóra—Idem.
	151.769	José Ubaldo Pereira	Ponte Nova—Idem.
9.º	112.429	Dr. Raul Machado Bittencourt.	Capital Federal.
	104.124	Emilio Bello de Mello e Cunha	Idem.
	134.171	Cyro Vieira Machado	Idem.
	134.423	Alvaro Alberto da Motta e Silva	Idem.
	124.675	Alberto Pereira de Carvalho . . .	Idem.
10.	139.925	Henrique de Souza Garcia	Idem.
	141.302	Sebastião Antonio da Costa . . .	Idem.
	151.782	Marcellino Simões Vieira.	Idem.
	97.727	Arthur Ferreira da Costa.	Idem.
	103.562	Dr. Egas Ribeiro de Mendonça	Idem.
11.	94.429	Manoel Joaquim Cardoso.	Idem.
	122.579	João Simões.	Idem.
	95	Avelino da Costa Oliveira	Idem.
	141.329	Alvaro da Costa Petiz	Idem.
	146.257	José de Sul Ferreira	S. Paulo—São Paulo
	146.875	Antonio Vilzi	Catanduva—Idem.
	153.270	Francisco Sanchez Garçon	S. Paulo—São Paulo
12.	119.666	Dr. José Ferreira Santos	Santos—Idem.
	127.345	Alberto Masson Jacques	Itararé—Idem.
	42.894	D. Maria da Conceição Almeida	Bebedouro—Idem.
	53.063	Jose Augusto Ramos.	São Paulo—S. Paulo
	149.906	Charles Massad David	Santos—Idem.
13.	117.905	Luiz Leopoldo Lauriere	São Paulo—Idem.
	117.013	Affonso Augusto Corrêa	Idem—Idem.
	145.068	Elias Dib Schwery.	Santos—Idem.
	117.994	Heitor Bélache.	São Paulo—Idem.
	148.330	José Chrispim	Idem—Idem.
14.	147.340	Carlos de Paiva Meira	Santos—Idem.
15.	130.450	Joaquim Montenegro	São Paulo—Idem.
	141.016	Raul Martins Pereira.	Idem—idem.

NOTA — A Equitativa tem sorteado até esta data 2.431 apolices no valor de 11.235:360\$500, importancia paga em dinheiro aos respectivos segurados, continuando as mesmas em vigor e com direito aos sorteios ultteriores.

Casa Guimarães Caipóra

FUNDADA EM 1863

Especialidade : cereaes em grão, fubás, farinhas de milho, cangica, cangiquinha, melado, azeite de dendê e outros productos de Minas Bahia e outros Estados da União

RUA GONÇALVES DIAS, 12

RIO DE JANEIRO

RUPTURITA Patentes 9970

e 11638

ALTO EXPLOSIVO BRASILEIRO DE

ALVARO ALBERTO

Lente de chimica e de explosivos da Escola Naval

F. Venancio & Cia. — Fabricantes

Avenida Rio Branco, 29 — 1.º andar Telephone N. 3974

Endereço telegraphico — "Rupturita"

RIO DE JANEIRO

INDICADOR

— MEDICOS —

Dr. Francisco Eiras
Prof. da Faculdade de Medicina
Especialista em molestias da
garganta nariz e ouvidos
Consultorio : R. S. José, 61
1.º andar
Teleph. Central 4625
Residencia : R. Soares Cabral, 71
Teleph. Beira Mar 813

Dr. Oby Loyola
Do Instituto de Assistencia á In-
fancia.
Clinica de Creanças
Residencia: Rua Arnaldo Quin-
tella, 104 antiga D. Polixena =
Botafogo = Sul 775

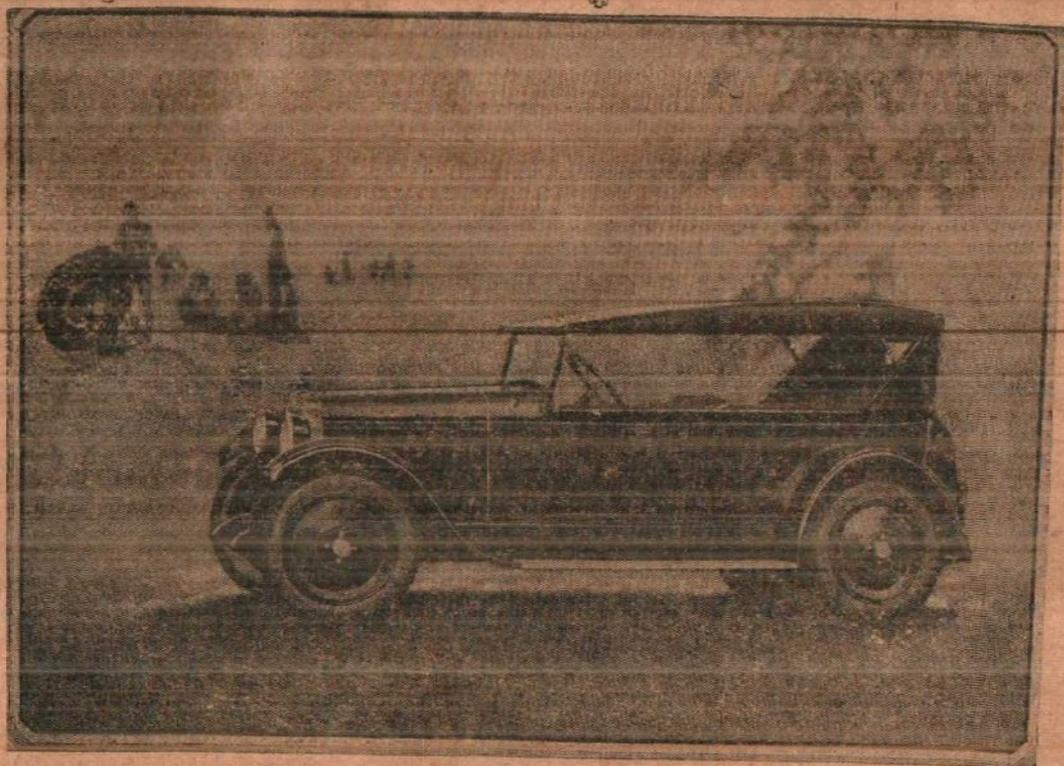
Dr. Octavio Ayres
Da Faculdade de Medicina
Cons. - R. de S. José, 61-1.º andar
Teleph. Central 4625
Residencia : R. da Passagem, 198
Teleph. Sul 2482

Dr. A. Nogueira da Silva
Dr. H. Baptista Pereira
Clinica medica e doencas dos olhos
tratamento pela — Homœopathia
Cons.: Trav. S. Francisco de
Paula, 9 - 1.º andar.

A ESCOLA



**Chegaram os
novos automoveis de
6 cylindros AJAX**



AJAX-SIX

PREÇO 10:500\$000

FACILITA-SE O PAGAMENTO

Companhia Commercial e Maritima

AUTO-GERA

RUA BENEDICTINOS, 1a 7—(Esq. da Av. Rio Brd)

TELEPHONE NORTE 783



Livraria Francisco Alves

RIO DE JANEIRO S. PAULO BELLO HORIZONTE
 Rua do Ouvidor, 166 Rua Libero Badaró, 129 Rua da Bahia, 1055
 PAULO DE AZEVEDO & C. — Livreiros Editores e Importadores

HILARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional	\$600
Segundo livro de leitura	1\$000
Terceiro livro de leitura	1\$000
Quarto livro de leitura	1\$000

THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia	\$600
Segundo livro de leitura	1\$500
Terceiro livro de leitura	2\$000

EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

Primeiro livro de leitura	2\$000
Segundo livro de leitura	2\$500
Terceiro livro de leitura	3\$000
Quarto livro de leitura	3\$500
Quinto livro de leitura	3\$500

SERIE PIUGGARI BARRETO

Cartilha Analytica	1\$500
Primeiro livro de leitura	2\$500
Segundo livro de leitura	3\$000
Terceiro livro de leitura	3\$000
Quarto livro de leitura	3\$500

ARNALDO BARRETO

Cartilha das mães	1\$000
Primeiras leituras	2\$000
Leituras moraes	2\$000

FRANCISCO VIANNA

Primeiros passos na leitura	1\$500
Cartilha	1\$800
Leitura preparatoria	2\$000
Primeiro livro de leitura	2\$500
Segundo livro de leitura	3\$000
Quarto livro de leitura	4\$000

JOÃO KOPKE

Primeiro livro de leitura	2\$000
Segundo livro de leitura	2\$500
Terceiro livro de leitura	2\$500
Quarto livro de leitura	3\$500
Quinto livro de leitura	4\$000
Leituras praticas	3\$000
Fabulas em verso	1\$500

D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura intermediaria	2\$000
Leitura para o segundo anno	2\$500
Leitura para o terceiro anno	2\$500
Leitura para o quarto	3\$000

D. RITA DE BARRETO MACEDO

Leituras preparatorias	2\$000
Primeiro livro de leitura	2\$000
Segundo livro de leitura	2\$500
Terceiro livro de leitura	2\$500
Quarto livro de leitura	3\$000

ABILIO CESAR BORGES

Primeiro livro de leitura	\$600
Novo primeiro livro de leitura	1\$600
Segundo livro de leitura	2\$500
Terceiro livro de leitura	2\$500

SABINO E COSTA CUNHA

Expositor da Lingua materna	1\$000
Segundo livro	1\$000
Segundo livro	1\$000

FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler	\$500
Segundo livro de leitura	1\$600
Terceiro livro de leitura	2\$000
Excursões escolares	1\$000

DR. MARIO BULCÃO

Vida infantil Primeiro livro	1\$500
Vida infantil Segundo livro	2\$000
Vida infantil Terceiro livro	2\$000

COLLEÇÃO F. T. D.

Quadros muraes, cada quadro	1\$000
Novos principios de leitura	1\$000
Guia infantil, primeira parte	2\$000
Guia infantil, Segunda parte	2\$000
Guia infantil, as duas partes	4\$300
O primeiro livro de André 1ª parte	2\$300
O segundo livro de André 2ª parte	2\$400
Compendio de historia sagrada	6\$000
Noções de sciencia	2\$000
Anthologia (Terceiro livro da coll.)	4\$000
Anthologia (Quarto livro da coll.)	6\$000
E. DE AMICIS — Coração	2\$000

AFRANIO PEIXOTO

Minha terra e minha gente	2\$500
BILAC e NETTO—Contos patrios	3\$500
" " Patria Brasileira	3\$500
" " Theatro infantil	2\$500
CORREIA E BARRETTO—Era uma vez	2\$000
A. M. Pinto—Proverbios populares	2\$000
BILAC e BOMFIM — Leitura complementar	4\$000
ALBERTO DE OLIVEIRA — Céu, Terra e Mar	3\$500

TANCREDO AMARAL

Livros das Escolas	3\$000
------------------------------	--------

BARRETO E LAET

Anthologia Nacional	6\$000
-------------------------------	--------

EUGENIO WERNECK

Anthologia Brasileira	6\$000
---------------------------------	--------

JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos	3\$000
Selecta classica	4\$000

DUQUE ESTRADA

Thesouro poetico	3\$500
B. P. R. — Leitura manuscripta	1\$500

A. HALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação moral e civica	2\$500
OLAVO BILAC — Poesias infantis	3\$500
L. FERDINAND — Livro das creanças	2\$000
R. PIUGGARI — Album de gravuras	2\$000

RAMON ROCA DORDAL

Paginas Civicas — Ensino medio, Livro primeiro	2\$000
Livro segundo	3\$000